Face a face

Pela primeira vez, D. Paulo narra os bastidores de sua atuação para conter os excessos da repressão: a tortura criando conflitos entre cardeais e generais.

D. PAULO: "Mas dizem que o próprio Golbery está ficando meio tonto agora, não é?"

— Dizem que ele está perdendo poder.

D. PAULO: "Não temos informações sobre isso".

— Ele conversa com o sr.?

D. PAULO: "Nunca mais".

— Conversava no comecinho do Governo Geisel, não é?

D. PAULO: "Não é que eu tenha qualquer coisa de pessoal contra ele, absolutamente. Mas, na hora em que eu fui até ele com os parentes de 26 desaparecidos, nós ficamos quatro horas conversando, ele me disse: 'D. Paulo, o sr. pode ficar sossegado, nós vamos resolver isso'. Me garantiu que nós teríamos uma resposta. Passou-se uma semana, um mês, um ano, até hoje, nada. Aí um dia ele me mandou um aviso, através do governador Paulo Egydio Martins: pediu que eu não telefonasse mais para ele, porque isso o estava prejudicando. Então eu o deixei inteiramente de lado, não é, porque uma pessoa que não quer nem isso é porque não quer nada".

— Desde então o sr. não procurou mais o general Golbery.

D. PAULO: "Abandonei completamente, nunca mais. Às vezes eu mandava coisas para lá, informações que ele podia ter por outras fontes, mas que podia então cotejar com as que eu enviava. Mandava coisas assim como qual o salário real que o paulistano estava ganhando".

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892.001p.57

Dona Helena Steiner Arns

— O sr. acha que eles (os militares) pensam que D. Paulo Evaristo Arns é comunista?

"Tem Muito Comunista em SP?"

D. PAULO: "Eles acham. Uma vez eu fui visitar o comandante do II Exército, era o general Dilermando Gomes Monteiro, logo que ele chegou aqui. E ele me perguntou de cara: 'D. Paulo, tem muito comunista em São Paulo?' Eu respondi observando que os congestionamentos de automóveis em São Paulo são muito interessantes. Uma vez eu fiquei olhando para o interior dos carros parados e notei que todos, praticamente todos eles transportavam só uma pessoa. Então eu pensei: bom, em São Paulo só tem uma solução, fazer transporte coletivo para todo mundo. Talvez os bombeiros, os médicos ou também os militares pudessem ter carro particular. O resto, coletivo. Eu, por exemplo, se existissem só coletivos nas ruas, em dez ou quinze minutos iria para a Cúria. E perguntei ao general Dilermando: 'O sr. acha que isso é comunismo?' Porque eu acho que isso pode ser feito. Ele respondeu que para ele isso é comunismo".

— É que eles não têm nenhuma sensibilidade social.

D. PAULO: "Não têm. Eu disse ao general Dilermando que o operário demora quatro horas no trajeto da casa para o trabalho só por causa da burrice do nosso modo de transportar. Com ênfase no transporte coletivo e muito pouco carro particular, imaginem a economia que nós teríamos. A sobra poderia ser gasta em educação, saúde. Com o mesmo sistema viário o trabalhador teria mais horas livres. Bem, mas a minha maior surpresa não foi essa. Uma vez eu tive uma reunião aqui com gente bem situada em São Paulo e perguntei a eles se isso não era a solução para São Paulo. Eles também disseram que é comunismo. Estão todos malucos, não é? Estão todos malucos. Isso a gente só aprende com a escola do povo, vivendo com o povo. A Universidade é realmente um aprendizado de sistemas, e acabou".

— Como foi a experiência que o sr. teve nas favelas de Petrópolis?

Sete Fábricas e Sete Favelas

D. PAULO: "O que mais me impressionou é que eles me pareciam mais felizes que o pessoal lá da cidade. Eu cuidava da capela do bairro Itamarati; o nome é pomposo, mas o lugar era bem miserável. Tinha sete fábricas embaixo, mas também tinha sete morros, e nos morros ficavam as sete favelas que eu visitava".

— Em que sentido o sr. acha que os favelados eram felizes?

D. PAULO: "No sentido de que eram mais solidários, tinham mais amigos, mais liberdade, maior troca de coisas, mais generosidade. Eu me lembro bem de uma cena, não sabia o que fazer para prevenir uma epidemia de gripe na favela, a gripe já estava na cidade, daquelas gripes que não acabam. 'Não, porque aqui não tem gripe, gripe é o pessoal da cidade que pega', eles me responderam. Claro que também os favelados pegam gripe, isso foi só para mostrar como eles se consideravam. Agora, é curioso que no começo eles não tinham muito gosto para estudar, para se formar, pegar o diploma. Eu fiz um levantamento quando comecei a ir na favela: de 100 pessoas 9 tinham

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892a.001 p.58

escolaridade. Quando saí, era o contrário: de 100 pessoas 9 não tinham escola".

Fla-Flu: Bebida e Violência

— Quanto tempo o sr. trabalhou na favela?

D. PAULO: "Dez anos. Três vezes por semana, normalmente. Quando precisava, eu ia mais vezes para lá. Podia faltar um dia também, mas era muito raro. Em dia de jogo Fla-Flu, então, era indispensável, porque eles bebiam, discutiam, ficavam violentos".

— Como é que os favelados recebiam o sr.?

D. PAULO: "Como aqui. Quando eu chegava, eles começavam a bater nas portas chamando os outros. Para o pobre, o padre é um alento, um amigo, sobretudo por seu trabalho em favor dos doentes, das crianças. Eles ficavam conhecendo o trabalho do padre aos poucos e o acatavam, todo mundo rezava. É curioso que, aqui em São Paulo, procurei muitas vezes visitar os trabalhadores nas fábricas, sem passar pela direção, e sempre perguntava como é que eles queriam o bispo: vestido como eles ou com a roupa dos bispos? Com a roupa do bispo, respondiam".

— Quer dizer que essa idéia de que a roupa e os paramentos afastam é muito mais para os estudantes?

D. PAULO: "Estudantes. Na mesma época, de fato, eu ia toda semana na escola de cada comunidade, e os estudantes preferiam o bispo vestido como eles".

— Se o sr. fizer um resumo da sua experiência nas favelas de Petrópolis, o que o sr. aprendeu com eles e o que eles aprenderam com o sr.?

D. PAULO: "A primeira coisa que aprendi foi como falar com eles. Eu vinha de cinco anos estudando na França..."

"Nunca fui Intelectual"

— O sr. era um intelectual sofisticado na favela...

D. PAULO: "Não, eu nunca fui intelectual. Não tenho pretensão, não tinha e não vou ter. Mas eu passei esses anos na Universidade, então a gente volta um pouco com idéias aéreas, não é? Agora, aprender a falar com eles, dizer os mesmos termos que eles dizem, entender a gíria, isso é difícil. Mas eu fui aprendendo, até que, quando vim aqui para São Paulo, um companheiro meu, vendo o que eu escrevia, disse: 'Engraçado, em Petrópolis você falava como o povo, e aqui você está escrevendo para intelectuais'. Mas, voltando para a periferia ou para a favela, ah, eu não preciso de meia hora para esquentar, não. Lá em Petrópolis, algu-

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892an001,p58

Frei Paulo Evaristo com a família no dia de sua ordenação, 30 de novembro de 1945.

mas vezes eu pensei em sair para entrar um outro, para mudar um pouco o sistema. Só que seria quase impossível, eu não agüentaria, eles também não. Era curioso que eu tinha auxiliares, três, quatro ou cinco, padres ou estudantes do seminário que estavam aprendendo a lidar com o povo. Então, quando alguém ficava mais de dois anos, eles diziam que era bom trocar".

— Por quê?

D. PAULO: "Delegado e padre é bom trocar, na opinião deles. Porque senão acostumam. E a mim, eles não me consideravam padre".

"Frei Evaristoooo!"

— É verdade que todo padre que chegava nas favelas era chamado de frei Evaristo?

D. PAULO: "É, eles gritavam de um morro para outro: 'Frei Evaristoooo!' "

— Em Petrópolis, o sr. trabalhou na Editora Vozes também, não é?

D. PAULO: "Em Petrópolis eu tinha várias funções. Editava uma revista para religiosas, além do CIC, que era o Centro de Informações Católico, um boletim que enviava toda semana de 40 a 50 notícias para as organizações católicas em todo o Brasil. Depois eu era também redator de outra publicação, ajudava no setor de estudos da ordem dos franciscanos..."

— Como cardeal, o sr. ainda tem algo a ver com a ordem dos franciscanos?

D. PAULO: "Quer dizer, na hora em que você fica bispo, você não tem mais nada que ver com as ordens. Agora, atrás do meu nome, quando publicam algum texto meu, eles sempre colocam 'OFM', que significa Ordem dos Frades Menores. Ainda hoje eles põem. Eu não ponho, porque daria ciúme. Depois, a loucura por São Francisco nunca acaba. Não sei se vocês já leram sobre ele, eu procuro sempre incentivar. Quando fui escolhido cardeal, fiz o meu retiro na Itália no lugar por onde ele andou. Essa loucura ajuda também na favela: a gente vai de sandália, de hábito franciscano, ah, o povo se aproxima logo. Está na memória popular, pega logo. Depois, a gente tem sempre alguma coisa no bolso para as crianças, uma bala, um doce, um santinho. E a gente participa da alegria de jogar junto, um franciscano não tem medo nenhum de correr, jogar bola, futebol etc.".

"Eles Não Saíram da Miséria"

— O sr. ainda joga futebol?

D. PAULO: "Nunca mais joguei. Como bispo, nunca mais joguei. Apitei algumas vezes, sempre deixava os velhos ganharem. Apitava até pênalti para os monsenhores..."

— No que o sr. acha que a ação do sr. transformou aquelas favelas?

D. PAULO: "Eu muitas vezes me perguntei, uma parte quanto à escola, outra parte quanto às pessoas. Mas eu não acho que isso seja propriamente progresso. Creio que o progresso está em que conseguimos nos entender mais. Eles não saíram da miséria, não. Naquele ano da grande enchente, os barracos foram quase todos destruídos. Eu me lembro que tive de fazer um sermão com a sala inteira cheia de caixões, gente que eu conhecia, amava, todos mortos pelas águas que desciam e soterravam. Vocês sabem que os morros têm aquela terra fofa onde os barracos são fincados; com as chuvas, a terra amolecia e os barracos deslizavam. Eu sei que, quando os barracos deslizavam, subi o morro para salvar uma pessoa que estava agarrada ao fogãozinho que tinha construído e que não queria perder. Nem os bombeiros tinham mais coragem de subir, então fui lá. Ele ia morrer, eu tive de ir lá, pegar o homem no colo, levar embora. Então, eles se agarravam muito às coisas pequeninas. Mas, pensando assim na influência que a gente pode ter para transformar, tirar o povo da pobreza, acho que isso é um pouco um sonho. Eu acho que a gente pode é fazer com que eles tenham um outro fundamento, para depois irem devagar. Eu acho que o resto é um pouco o sonho de fazer o pessoal consumidor... Acho que isso não é bom".

Um Centro Comunitário por Semana

— Não é o que o sr. pretendia.

D. PAULO: "Nem hoje eu penso nisso, fazer com que todo mundo tenha um carro, ge-

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.7900 2892a.001, p.60

ladeira. Mas que todo mundo tenha um conceito de vida, educação, possa fazer alguma coisa com a existência, possa ser mais livre, isso sim. Nos dez anos que passei nas favelas, é difícil avaliar se isso aconteceu, eu não fiquei medindo. Alguns melhoravam um pouquinho e se mudavam para um bairro com mais escolas, melhores condições... mas outras pessoas vinham para o seu lugar, novos migrantes. Como disse, não procurei fazer cálculo. Agora, sim: estamos procurando colocar toda semana um centro comunitário novo em São Paulo. No ano que vem, se Deus quiser, vamos colocar dois por semana".

— O centro comunitário é a base para as Comunidades Eclesiais de Base?

D. PAULO: "Na prática, acaba sendo isso, mas a idéia é a de que seja um lugar do povo, onde o povo pode ir, ter uma semi-profissionalização, regularizar documentos, onde as crianças podem receber as primeiras instruções religiosas, e onde, aos sábados e domingos, as pessoas podem se encontrar e organizar o seu lazer".

— O sr. começou os centros comunitários depois da venda do palácio?

D. PAULO: "Praticamente tudo isso começou com a venda do palácio, porque a gente não tinha nenhum recurso, e a gente precisa ajudar. Não que a gente compre para elas, mas precisamos iniciar, depois eles continuam. Nós pensávamos que daria para dar uma parte aqui, depois eles reporiam para que a gente pudesse começar em outro lugar, mas isso não é possível, eles não têm como devolver. Mas eles fazem o principal, a gente dá o empurrão e depois estamos sempre lá procurando ajudar".

"Política não é Nosso Dever

— Sobre as Comunidades Eclesiais de Base, o *brazilianist* Ralph Della Cava escreveu um artigo no primeiro número da revista *Encontros com a Civilização Brasileira,* e afirmou que elas podem ser o núcleo do maior Partido Socialista do mundo. O sr. concorda?

D. PAULO: "Ele é muito amigo meu, esteve aqui duas vezes. Agora, quanto a essa idéia, depende do prisma sob o qual a gente vê uma evolução. Eu vejo a evolução muito mais sob o prisma da solidariedade. Essa solidariedade pode se manifestar no socialismo, pode se manifestar de diversas formas, mas aí já não é mais conosco. O problema político não é nosso dever enquanto Igreja. Nós organizamos o povo na vida solidária, mas organizar politicamente não é o nosso prisma. Por isso... é também

Frei Paulo Evaristo com a família no dia de sua ordenação.

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892.001.p.61

aquele sonho, não é, de que um dia esse povo vai poder organizar-se e fazer uma reforma de baixo para cima. Porque até agora, em toda a História da Humanidade, isso não se deu. Nunca houve uma coisa que o povo organizasse de baixo para cima. O marxismo é também todo de cima para baixo, embora com grupos assim do povo, mas é todo de cima para baixo. Eu acho que aqui está começando uma coisa que pode pegar. Isto foi pelos centros comunitários, onde começaram movimentos como o do Custo de Vida (hoje, Movimento Contra a Carestia). Começamos com cinco centros comunitários, depois foram vinte, depois foram cem. As eleições de deputados: embora nem todos tenham saído, a Irma conseguiu, o próprio Matarazzo saiu de lá, teve votos em todos os centros comunitários. Ele é da Economia Popular, não é? Eles botaram os candidatos, embora não os conhecessem, mas todos se comunicavam. Ninguém sabe como, mas o povo se comunicava".

— Nem o cardeal sabe como?

D. PAULO: "Como é que eles se comunicam mesmo, não. O que os delegados me diziam, no tempo das torturas, quando era decidido assim, eles me diziam que operário e padre não dá para esconder, porque no dia seguinte todo mundo sabe. Operário e padre. Estudante, pode bater quanto quiser, professor pode bater quanto quiser, advogado... Eles se enganaram com os jornalistas. Eu sabia que muitos jornalistas iam ser presos em 1975 com bastante antecedência, em julho, e avisei aos que pude. As prisões começaram em setembro, se não me engano. Eu até disse para o general Ednardo D'Ávila Mello (comandante do II Exército de 1974 a 1976): 'Olha, o sr. me diz que não existe o *Arrastão*, mas na próxima Operação Arrastão vocês vão prender esses, eu disse os nomes para ele dois meses antes, e depois esse, e depois esse'. E ele disse: 'Ah, D. Paulo, não sei o quê...' E não mudaram o esquema, prenderam mesmo".

A Tática de Governar pelo Pânico

— Eles se enganaram quanto à solidariedade dos jornalistas.

D. PAULO: "É. Acho que a tática deles era a de governar pelo pânico. Acho que nem se importavam também com a solidariedade, eles queriam era governar pelo pânico e acharam que isso podia se prolongar por muito tempo. Mas os jornalistas romperam, porque a classe média não rompeu por si. A gente sempre pensava: na hora que tocarem na classe média aquilo vai acabar. Mas tocaram nela, nos estudantes, nos professores, nos médicos, em outros profissionais, não é?, cujas famílias vieram aqui me procurar, ou na Cúria. E se enganaram com os jornalistas. Eu me lembro, quando os operários ficaram presos, passei quatro horas todas as tardes, durante cinco dias, na delegacia, para ver se soltavam, e a minha mãe estava morrendo em Curitiba. Eu fui até lá para socorrê-la e voltei correndo".

— Isso foi em que ano?

D. PAULO: "Isso foi na mesma época do incêndio daquele prédio, o Andraus, acho, em 1974, eu já era cardeal. Numa sexta-feira à noite eu finalmente consegui falar com os operários todos, no sábado fui para Curitiba e na segunda-feira minha mãe morreu. Era fevereiro de 1974".

"Dom Helder é Meu Tio"

— Uma dúvida: há uma informação de que o sr. chegou a trabalhar com dom Helder, no Rio. É verdade isso?

D. PAULO: "É tudo uma brincadeira muito grande. Dom Helder é bispo, e o papa chama os cardeais de filhos e os bispos de irmãos. Então um dia eu disse para dom Helder: 'Daqui para a frente eu sou cardeal, então você é meu tio. Porque você é bispo, é irmão do papa, eu sou filho, então daqui para a frente a nossa relação mudou. Agora você é meu tio'. Então eu o chamo de tio, todo o Nordeste o chama de tio também, não é? Antigamente eu o chamava de dom, agora o chamo de meu tio. Então, deu uma brincadeira que até, um dia, estragou o humor do papa Paulo VI. Porque o papa Paulo VI estava um dia numa conversa comigo sobre São Paulo e me perguntou: 'E agora, dom Helder?' Aí eu disse: 'O sr. me desculpe, mas eu sou suspeito, porque ele é meu tio'. O papa Paulo VI não tinha nem um pou-

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892.002.p.62

quinho de humor, naquela época. Eu acrescentei: 'É porque ele é bispo, é seu irmão; eu sou cardeal, sou seu filho...' O papa então me disse: 'Então o sr. fala sobre D. Helder!' E isso se propagou um pouco por aí..."

Quando as Pessoas eram Torturadas

— O papa ficou bravo com o sr.?

D. PAULO: "É, ficou... Mas o fato é que D. Helder, logo que eu tive a primeira dificuldade, depois de assumir como arcebispo de São Paulo, ele esteve aqui, ficou comigo. Ele como também o núncio daquele tempo, ambos ficaram na minha casa. Não falaram nada, nenhum conselho. D. Helder nunca me deu um conselho, mas ficava aí, orou comigo alguns dias, quando as pessoas eram torturadas e o Humberto negava. Humberto (Humberto Souza Mello, comandante do II Exército antes do general Ednardo D'Ávila Mello) foi terrível".

— Conte essa história: o papel do sr. na luta pelos direitos humanos, quando é que o sr. começou a sentir os primeiros problemas, como é que procurava encaminhar...

D. PAULO: "Os primeiros problemas eu não senti como arcebispo, foi ainda como bispo-auxiliar. Eu fui chamado diversas vezes pelo então cardeal arcebispo D. Agnello (Rossi), para cuidar de questões de presos. Sobretudo a questão dos dominicanos. Os dominicanos foram muito torturados, um deles até se suicidou, frei Tito, mas os outros também foram muito torturados. Então eu fui designado para visitá-los, e tive muitas dificuldades, mas visitei um por um e verifiquei tudo. Nós falávamos as coisas, não é? Com guarda ao lado, mas eles falavam o suficiente para se entender. E aí eu comecei a visitar os presos também, dentro da cadeia, para ver o que estava acontecendo. Isso foi no começo de 1969, com a mudança de Governo. Comecei a me interessar e sei que no dia em que fui designado para arcebispo de São Paulo eu tinha uma reunião com os presos. E no dia em que tomei posse eu fui visitar os presos políticos, propositalmente, para dizer a eles que eu não iria abandoná-los. À noite, eu fui visitá-los para eles saberem disso".

A Denúncia das Torturas nas Igrejas

— Há uma informação de que certa vez o sr. foi ao DEOPS e não quiseram deixar o sr. entrar, então, o sr. ficou plantado lá na porta.

D. PAULO: "Bom, isso de ficar plantado na porta aconteceu muitas vezes. Mas, uma vez — D. Helder estava aqui na minha casa — havia uma reunião da Não-Violência. Eu saí no meio da reunião, mas não disse nada para onde é que ia. Saí com um padre e fomos para o DEOPS. E sabia que era sábado e que todos os delegados iam passear, Guarujá, etc. E eu queria verificar se os presos estavam sendo torturados, porque me tinham vindo notícias assim através de outros. Então, saí ao meio-dia e fui para lá. Era aqui na Tiradentes e eu disse que queria falar com o oficial. Não estava. Aí pedi para falar com o que mandava mesmo. Chamaram e eu disse: 'Sou o arcebispo de São Paulo, como vocês estão vendo', eu fui de batina e já tinha conversado bastante com os porteiros, o chefe era da região Norte, eu conhecia toda a família dele. 'Preciso ver os presos', acrescentei. 'Ah, mas não pode', responderam. Eu respondi: 'Olhem aqui, eu sou o arcebispo de São Paulo, e se vocês não me deixarem entrar, eu abro um processo contra vocês, porque é contra a Constituição, vocês têm que me deixar entrar'. Insisti: 'De qualquer jeito, vocês têm que me deixar entrar'. Eles afinal cederam e eu fui ver. Porque eu denunciava o que conseguia apurar, e denunciei. Mandei afixar na porta de todas as igrejas de São Paulo. Isso foi bem no comecinho, assumi como arcebispo em novembro de 1970 e em 1971 já estava fazendo essas visitas. Mas eu tinha essa prática antes de ser arcebispo".

Domingo sem Missa Contra Tortura

— O sr. mandava colocar na porta das igrejas sempre?

D. PAULO: "Esse caso aí eu mandei. Cada vez que eu sabia de uma tortura, que eu tinha certeza, eu mandava uma carta para os padres, algumas com o pedido de ler, outras só para informar. Algumas com o pedido de serem discutidas entre os grupos todos, sempre variando,

BR.DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892.001.p.63

mas sempre mandando. Eu fiz comigo o compromisso de não deixar passar tortura sem denunciar de uma forma ou outra. Depois, foi possível pela imprensa, aí a coisa ficou relativamente mais fácil, não é?"

— Quando o sr. mandava colocar na porta das igrejas, não arrancavam?

D. PAULO: "Algumas arrancavam. Mas eu cheguei a passar pelas igrejas principais para saber se tinham colocado, se ainda estava lá ou não estava. E estava, normalmente estava lá".

— Outra informação que circula é a de que o sr., certa vez, ficou muito indignado com essa história de tortura, e então ligou para o Vaticano, para o papa ou para o secretário de Estado, e disse algo assim: "Eu quero uma autorização do papa para que não haja nenhuma missa em São Paulo no domingo *x*, porque estão torturando gente aqui e isso não tem cabimento". É verdade?

O Conselho dos Padres

D. PAULO: "Não, aí entra um elemento interessante, porque uma parte da estória é verdadeira, mas não toda. Eu nunca agi sozinho. Mas não tinha outros bispos em São Paulo, bispos-auxiliares".

— O sr. não tinha bispos-auxiliares?

D. PAULO: "No começo, eu não tinha. Um ano depois veio D. Benedito, devagarzinho foi dando, conseguindo os bispos, mas isso é devagar. Conseguir bispo é muito difícil. Então, eu sempre reunia os representantes dos padres. Os padres elegem 21 representantes; hoje, é por regiões. Naquele tempo era tudo centralizado. Aliás, dos 21, 14 eles elegem e 7 eu nomeio. Dois terços são eleitos, sete são nomeados. Eu nomeio aqueles que faltam: por exemplo, falta um especialista em Direito, um economista, qualquer coisa, esses eu nomeio para completar o quadro. Eles sempre eram convocados e vinham rapidamente, tanto que acontecia um fato a esta hora, quatro horas, e às seis horas, seis e meia, eles estavam todos comigo. Uma das propostas numa reunião com eles foi essa: fechar todas as igrejas num domingo, para que não houvesse nenhuma missa em São Paulo. Mas não foi aprovada a proposta na votação, embora eu não precisasse pedir autorização ao Vaticano para fazer isso".

A Missa por Vannucchi

— Um cardeal pode fazer isso?

D. PAULO: "Um bispo pode. Ele pode to mar essa decisão e não precisa prestar contas d um ato assim. Então, propuseram mas não exe cutamos porque foi posto em votação e perdeu A gente colocava tudo em votação. A gente cha mava o pessoal mais esclarecido em certos aspec tos de um tema, para instruir, dissecar, e de pois era posto em votação. Então, por exemplo quando eles mataram o Vannucchi (Alexandr Vannucchi Leme, estudante), estiveram 22 es tudantes aqui nesta casa, 22 presidentes de Di retórios Acadêmicos da USP, e eles queriam sair em marcha. Eu disse: 'Não, é suicídio, nã dá'. Aí eles disseram: 'A única coisa que pod sossegar a nossa turma é uma missa'. Pergunte onde, eles queriam que fizesse na USP. Eu diss que não iam deixar. 'Então na catedral', propu seram. 'Tá bom', respondi, 'a proposta está fei ta, mas eu só faço depois de reunido o conselho' Engraçado como os estudantes têm senso demo crático: embora achassem que eu sempre pudes se decidir tudo, sempre aceitaram a idéia d ouvir o conselho dos padres. Reunido o conse lho, a idéia foi aprovada".

— Esse conselho foi criado informalment pelo senhor ou ele existe na hierarquia forma da Igreja?

D. PAULO: "Não, isso existe. Deveria exis tir em todas as grandes cidades, é preciso. O conselho responde pelos problemas maiores d Igreja. E esse conselho decidiu por unanimidad não só que a missa deveria ser feita, mas qu eles todos estariam lá para celebrar juntos. Fo quase tanta a tensão como no Herzog.

Isso deve ter sido em 1973".

As Torturas Sistemáticas

— Foi uma missa terrível, muita gente.

D. PAULO: "Foi uma missa terrível. Ele me seguiram o dia inteiro com a Polícia. Vieram os artistas cantar, foi uma missa assim ben quente. Mas todos os conselheiros estavam lá Então, acho que esse trabalho foi esse mais ou menos: começou em 1971, aí a gente percebi as torturas sistemáticas. Em 1968, 1969, a gent não percebia que eram sistemáticas. Com o Ca

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892a.001,p.64

navarro (general José Canavarro, comandante do II Exército antes do general Humberto Souza Mello) havia apenas a desconfiança. Mas, quando o Canavarro saiu e o Humberto (Souza Mello) entrou, aí se via que era sistemático. Não se torturava só para descobrir as coisas, torturavam mesmo para levar o pânico à população. E aí todos os instrumentos de tortura eram descritos nos depoimentos de pessoas que não se conheciam e que foram presas em épocas diferentes: pau-de-arara, cadeira do dragão, tudo batia, a história era a mesma: chegavam, eles faziam assim, diziam isso, tudo concordava. Então eu fui seguindo sistematicamente e nós assumimos o compromisso em comum de denunciar os casos comprovados que chegassem até nós. Conseguimos a união do episcopado paulista, que foi na reunião de Brodósqui. Aliás, agora vamos de novo para Brodósqui. Aí conseguimos que todos os bispos assinassem o Testemunho de Paz, acusando o Governo de torturar até à morte. O choque foi muito grande, porque os bispos não sabiam se era verdade ou não era. Foi, foi, foi, deve ter sido em 1972, e o documento saiu, mas não foi publicado, devido à censura sobre a imprensa".

A Comissão de Bispos e Generais

— Era uma posição da CNBB ou só dos bispos de São Paulo?

D. PAULO: "Só os bispos de São Paulo, os do resto do Brasil ainda não tomavam conhecimento disso, não tinham informação. Nessa ocasião eu fui chamado pela comissão, como é que chamavam?, comissão bilateral, composta pelos bispos e pelos generais, que se reuniam todos os meses no Rio. Primeiro, a comissão era trilateral".

— Incluía também parlamentares?

D. PAULO: "Não, não, curiosamente incluía empresários.

— Que generais participaram?

D. PAULO: "O Muricy (general Antônio Carlos da Silva Muricy, foi comandante do IV

30 de novembro de 1945, Frei Paulo Evaristo com a família no dia de sua ordenação.

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892 an.001 p.65

Exército) era o chefe. Depois tinha da Aeronáutica, tinha da Marinha etc. E do outro lado era D. Aloísio (Aloísio Lorscheider, então bispo presidente da CNBB, hoje cardeal de Fortaleza). Então eu fui chamado para lá e quando entrei na sala o Muricy logo disse: 'O sr. sabe que o sr. pode ser processado, pode ir para a cadeia'. Disse logo, assim quase de chofre".

— Era uma intimidação.

D. PAULO: "Não, o Muricy não era de intimidar, não, era muito cortês. Mas ele disse assim mesmo, com muita calma, mas disse. Eu respondi: 'General, gostaria que me processassem, mas fizessem como com Jesus, fizessem de público, porque, para todas as coisas que nós afirmamos, nós temos provas'. Então, foi uma discussão assim".

"Nós Tínhamos Provas"

— Quando o sr. disse que tinha as provas, o que ele respondeu?

D. PAULO: "Ele nunca mais falou em me processar. Porque nós tínhamos provas. Não tínhamos certeza se todos os depoentes que sofreram torturas iam agüentar firme, mas de alguns nós sabíamos que iam agüentar firme. Provas de que alguns foram torturados até à morte nós conseguimos, inclusive no Hospital das Clínicas. Isso garantido, com documentação. Já era 1972".

— O que se discutia nessa comissão bilateral?

D. PAULO: "Todas as questões de tensão entre Igreja e Estado. Começou com o Governo Médici, a primeira reunião foi ainda com a participação do cardeal Rossi".

— No início do seu arcebispado, o sr. não conseguia bispos porque o núncio não dava os que o sr. pedia?

D. PAULO: "Não, não. Nunca houve esse tipo de problema com o núncio. Coisa curiosa, o Papa Paulo VI sempre me perguntava sobre tortura, me deixava falar livremente, e duas vezes ele tomou posição contra a tortura no Brasil. Bem, mas aí veio a segunda fase. A tortura continuou e depois fizemos um segundo documento: *Não Oprimas Teu Irmão*. E esse nós conseguimos difundir um pouco e marcamos duas coisas que irritaram muito: um dia de jejum em todo o Estado de São Paulo, contra a tortura, e uma Semana de Direitos Humanos. Isso deve ter sido em outubro de 1973".

A Cassação da Rádio

— Foi quando cassaram a rádio Nove de Julho.

D. PAULO: "É, aí no meio da Semana cassaram a rádio Nove de Julho. Quando eu estava terminando a Semana é que fiquei sabendo. Então eu anunciei na rádio Nove de Julho, onde estava rezando a missa: 'Esta vai ser a última missa, a última irradiação pela rádio Nove de Julho, porque ela acaba de ser cassada, não sei o quê', eu dizendo isso na rádio..."

— O sr. sabe que o general Dilermando (sucessor do general Ednardo no comando do II Exército, hoje ministro do STM) disse algumas vezes que o sr. era um ressentido pela perda da rádio, que se o sr. recebesse a rádio de volta essa onda acabaria.

D. PAULO: "Eu nunca fiquei. Eu nunca achei que fosse um prejuízo para a Igreja, achei que foi uma violência. E achei que a solidariedade paulistana compensou altamente, porque o que esse pessoal de rádio me fez como favor depois, precisa isso, precisa aquilo, foi uma coisa que eu nunca tinha pensado em fazer".

— Porque antes o sr. tinha a rádio.

D. PAULO: "Talvez por isso, mas acho que não foi só por isso. Agora, que isso tenha feito o Governo perder eleições, fez. Sem eu saber, nunca interferi, mas eu sei que, por exemplo, dezenas de milhares de pessoas saíam de porta em porta dizendo: 'Vote contra o Governo porque ele tirou a rádio Nove de Julho'. Isso depois me contaram, eu não estimulei, porque sou contra qualquer represália. Qualquer represália é sempre baixa, não se deve fazer de jeito nenhum. Mas o povo não perdoa, como mostram as cartas que recebo até hoje".

Uma Carta ao General

— Conte pra nós como eram essas conversas com os generais...

D. PAULO: "Eu fui conversar por causa dos jornalistas, fui também por causa do pessoal

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892 m.001, p.60

do Cebrap. O Cebrap, me lembro, eu estava no Interior, preparando até o Sínodo de 1974 e eles começaram a telefonar e mandar gente para lá, porque eu estava escondido, tinha que preparar o trabalho para um mês, levei quatro pessoas, o frei Gorgulho e mais três teólogos e ficamos lá escondidos numa chácara, trabalhando dia e noite. Eu ouvi pelo rádio que havia qualquer coisa assim, mas eu não podia voltar. Voltei à noite, estava o Procópio, (Cândido Procópio Ferreira de Camargo, presidente do Cebrap, o Fernando Henrique (Cardoso), aquela gente toda, o Vinicius (Caldeira Brant) preso, o Paulo Singer também e mais não sei quem. Então, eles me contaram, eram nove horas da noite, eu morto de cansado, pensei: o que eu faço, nove horas da noite? Fui dormir, não pude dormir até três horas da manhã. Três horas, já estava com clareza, a cabeça bem clara, me assentei à mesa e escrevi uma carta ao Dilermando".

— Dilermando?

D. PAULO: "Não, era o Ednardo, dizendo as coisas assim como eram, as pessoas estão presas, eles estão sendo torturados, tenho a notícia certa, você veja que acabe com isso. De um jeito assim amigo, mas firme. E de manhã, mandei levar para lá. Mas nunca esse homem deixou de me responder. Não recebi uma resposta de nenhum ministro da Justiça, como escrevi para o Buzaid, escrevi para diversos outros, quem era o outro que..."

Tortura na Semana Santa

— O Falcão...

D. PAULO: "Para esse escrevi no comecinho do governo Geisel, depois nunca mais escrevi".

— Gama e Silva...

D. PAULO: "Gama e Silva. O Buzaid é ou foi católico praticante, mas ele nunca respondeu nada, absolutamente nada, como o presidente e outros, nunca deixaram uma palavra escrita. Ednardo não, dava uma resposta delicada, dizendo que não era verdade. E sempre era verdade. Sempre depois era verdade. Cada vez que eu reclamei, acho que nenhuma vez eu disse umas palavras, eu denunciei, sem ter depois a prova, não só durante, mas também depois, confirmado pela pessoa. A tortura foi cem vezes maior do que aquilo que já foi publicado, denunciado, não é? A gente até poderia ter suposto que estavam sendo torturados, tanto que era a tortura. Mas eu nunca denunciei sem ter prova, ou por um advogado, ou por um familiar, assim bem segura. E nunca me enganei. E quando ele vinha aqui me visitar eu sempre tinha no bolsinho quatro, cinco, seis nomes e dizia assim, faz favor e verifique. Me lembro uma vez, na Semana Santa, ele veio aqui, não sei por que motivo e eu disse assim: 'Na Semana Santa, que estejam torturando até parece ironia com Jesus ou coisa assim'. E ele disse assim: 'Ah, mas isso não é verdade'. E ele foi lá pessoalmente e mandou acabar. E acabou, porque a tortura acabou às três horas, depois me confirmaram e ele tinha estado de manhã aqui. Eu nunca me convenci de que ele não soubesse ou não quisesse ou não pudesse impedir, não é?"

Método de Dominar SP

— Ele me parecia uma pessoa dominada pelos que estavam em volta...

D. PAULO: "Não, ele tinha isso como método de dominar São Paulo".

— O sr. acha isso?

D. PAULO: "Ah, sim, tanto ele como os outros".

— Mas o senhor sempre conseguiu ser um interlocutor válido, eram conversas tranqüilas assim?

D. PAULO: "Eu converso com eles como converso com vocês, embora a gente saiba que tem uma vida em jogo e meça as palavras, reflete antes o que seria interessante dizer. E depois tem argumentos seguros. Nunca levantei a voz com eles".

— O senhor nunca levanta a voz com ninguém...

D. PAULO: "Não, pode dar-se que a gente levante a voz, creio que possa se dar, mas não assim porque não adiantaria nada".

— Conta uma vez que o senhor levantou a voz, porque a gente não sabe de nenhuma...

D. PAULO (sorrindo): "É preciso perguntar a terceiros, porque a gente não percebe, eles é que notam".

BR DFANBSB V8.GNC.AAA 79002892 p.001

— Tem algo que o senhor falou assim, *en passant,* depois que voltou dos Estados Unidos, quando foi receber o prêmio na Universidade Notre Dame. O senhor voltou e na solenidade, lá na PUC, o senhor disse, primeiro, que lá na Universidade, o senhor tinha se lembrado daquelas famílias que vinham trazer na Cúria para o senhor, o problema dos parentes que estavam sendo torturados.

D. PAULO: "É verdade, na cerimônia, no meio daquela sala eu não vi nada, a única coisa que eu pensava era eu ganhar o diploma e eles deram o sangue. Aquilo para mim foi um horror, ganhar o diploma, porque o que é defender os direitos humanos quando a gente sabe que não apanha? Não é nada, não é? Mas aquele que esteve lá, que foi torturado... E eu estive com gente, com muita gente boa..."

Conversas com Torturadores

— Mas naquele mesmo dia o senhor disse uma outra coisa. Que um dia, um torturador tinha vindo procurar o senhor. E ele disse, olha, eu fiz isso, fiz aquilo, fiz aquilo e tal...

D. PAULO: "Eu sei até o lugar, foi na igreja..."

— O senhor disse que esse era um caso entre outros. Se não tiver problema...

D. PAULO: "Não era confissão..."

— Então o senhor podia contar para nós, sem dizer o nome dessa pessoa, é claro, como foi o diálogo, o que a pessoa lhe disse, o que o senhor falou para ele.

D. PAULO: "Nunca permiti que alguém contasse o que ele fez. Mas a pessoa chegou, disse: 'Fui delegado, não sou mais, porque não agüentei mais, mas eu torturei, torturei muitas e muitas vezes. E tem perdão pra mim?' Era um conflito. Esse conflito de consciência, uma vez eu vi em cinco delegados. Foi nessa semana em que eu passei todos os dias lá no DOPS, para ver se eu podia encontrar aquele pessoal, o Rossi, uns operários que estavam lá, 49 presos. Então eu passava todos os dias, porque eles adiavam para o dia seguinte e eu ia de novo, até que consegui vê-los, na sexta-feira. Aí eu peguei um por um. Me lembro de um, aí eu levantei a voz. Foi na frente do próprio diretor do DOPS que se chamava Vieira, era sobrinho do padre Arlindo Vieira, uma grande figura, um jesuíta, um santo e o auxiliar dele, de maneira que eu podia falar um pouco mais seriamente com o Vieira, não sei o primeiro nome, então o Vieira mandou chamar o pessoal que eu pedia para ver e eu vi que eles piscaram entre si, que estavam brincando, não é? Deixei. Mas depois eu me levantei, porque vi que eles estavam ironizando com os presos e segurei ele pela camisa assim (agarra o repórter pela camisa e fala entre os dentes, num tom realmente agressivo): Isto vai acontecer com a sua mulher, com a sua filha, se continuar... Aí o queixo dele começou a tremer... Mas aí eu levantei a voz. Outra vez que eu levantei a voz mesmo foi quando eu fui ao presídio Tiradentes, o diretor se chamava Olinto. Nesse dia eu entrei por acaso, vinha passando pela Tiradentes, vi a porta da cadeia aberta e disse para o motorista: 'Pára'. Vinha saindo uma policial feminina dessa porta secundária, o carro parou eu saltei, andei e entrei. Disse para a policial: eu sou o arcebispo, você conhece? Então deixa entrar. Em dois, três minutos eu estava dentro. Como ninguém estava prevenido, de repente apareceu uma presa, moça distinta e me disse assim: 'D. Paulo, o senhor aqui, como é que o senhor nunca vai para a *torre?*' Então eu disse: 'O que que é a torre?' E o Olinto não queria deixar ela falar, mas eu exigi. E ela me contou, era um lugar onde estavam trinta e tantas presas e aí eu disse: 'Eu vou lá, hoje eu vou lá, de qualquer jeito eu vou lá, com essa moça'. Daí o Olinto disse não, que era preciso telefonar para cinco lugares mas eu insisti: 'Eu vou lá de qualquer jeito, senão eu excomungo você'. E fiquei firme. Calmo, mas firme. Aí ele disse, então espera um pouquinho, que eu vou telefonar. Ele foi, acho que não telefonou nada, porque dois minutos depois estava de volta e eu fui para a *torre* com ele. Eram trinta e tantas moças, algumas devem estar ainda vivas, nunca mais soube delas, todas assim finas, como estavam lá, de *shorts,* como se fica na cadeia e a gente estava acostumada com homens, mulher é uma coisa assim triste de ver, as moças mais finas. Aí eu estava na frente delas, me reconheceram, não sei como, logo pegaram confiança e começaram a contar. Eu disse ao Olinto, você fica aí. E cada uma delas contou: filho torturado na frente da mãe, assim tudo, tiraram até a roupa, mostraram as marcas, querendo contar, a gente via que estavam loucas

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892.n.001.p.68

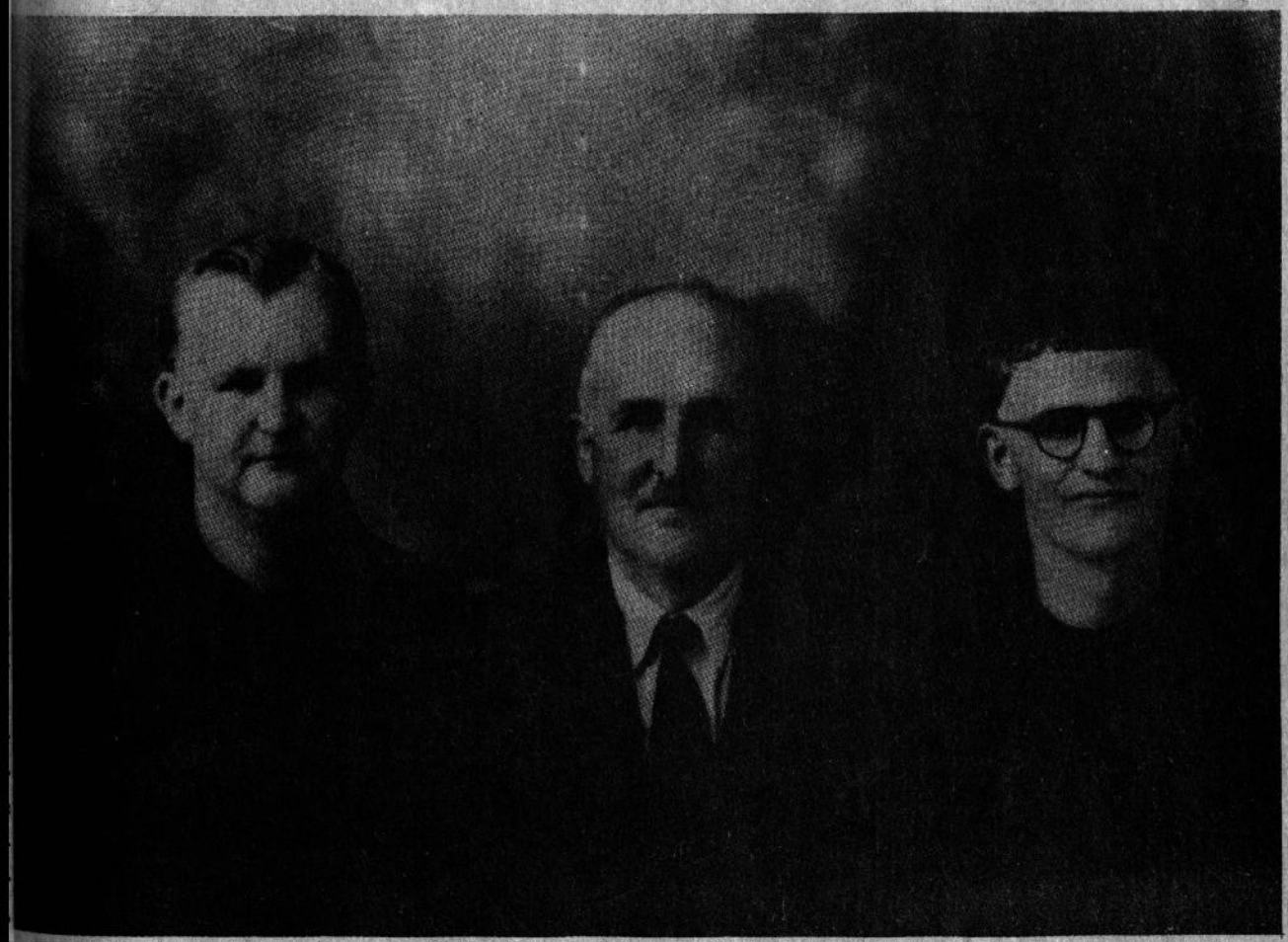
para ter alguém para quem pudessem contar. Foram umas duas horas, quase, eu só passava de uma para outra, porque uma estava querendo interromper a outra, pois achavam que eu não teria tempo de ouvir a todas e dizia: 'E você?' E quando acabou, eu agradeci e não podia prometer nada, tinha entrado assim pela porta aberta e disse: 'Espero que venham dias melhores para vocês, mas eu vou fazer o que posso'. E saí com o Olinto. Quando chegou lá fora, num corredorzinho estreito, aí eu parei e disse: 'O que que é verdade de tudo isso?' Porque ele já estava começando a dizer que era tudo mentira. E eu disse: 'O que que é verdade (tom de voz mais áspero, embora baixo) me diga?' E ele disse: 'Você não vai acreditar...' Eu falei então (tom de voz agressivo, incisivo): 'Me diga, o que que é verdade, diante de Deus!' Aí ele disse: 'Talvez uns 50 por cento'. E eu respondi: 'Se um por cento só fosse verdade, nós dois já devíamos desaparecer da terra, porque o que elas contaram não tinha nada de humano, desde o começo até o fim'. Naquele dia mesmo, elas tinham sido obrigadas a tirar baratas da comida que ele, Olinto, tinha mandado, comida podre, mas tudo, tudo, ponto por ponto, além das torturas, das mortes — 'a companheira tal, que desapareceu'. Então, aí eu levantei a voz. Mas eu tinha me contido durante duas horas, talvez nem tenha feito esforço, mas depois aquilo tudo subiu. E aconteceu que aquela tarde eu viajasse. E não tive nem tempo de anotar. Foi no avião que fiz, e deixei no Vaticano, depois me arrependi, devia ter trazido de volta o relato. Escrevi em francês mesmo e deixei lá".

"Acho que Perdi a Calma"

— Era o Jean Villott, no Vaticano?

D. PAULO: "É, era ele. Mas entreguei pessoalmente ao Benelli, que era o secretário. E então está lá. Aquele relatório eu gostaria de ver como está, porque a memória ficou tão viva, que eu fui pondo assim, as coisas em seguida. Mas não coloquei o nome das moças, porque eu não sabia, elas nem diziam. Aí acho que perdi um pouco, no momento, a calma, mas não foi assim. Curioso que no dia seguinte em Roma,

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.7900 2892a.001 p.69



Frei Paulo Evaristo (direita) com o pai Gabriel (centro) e o irmão mais velho, frei Crisóstomo.

à tarde, eu estava tirando o atraso de sono, não tinha dormido nada, tinha que trabalhar. E a embaixada tocou, queriam saber se estava dando entrevista, se ia dar. Estavam com medo. Aliás, poucas vezes, nunca denunciei nada no estrangeiro. Sempre aqui. Se eu dizia uma coisa no estrangeiro era só dizer quando perguntavam se aqui tinha tortura, eu dizer tem. Mas nunca disse tem isso, tem aquilo. Até agora, se eu digo uma coisa, é uma coisa geral. Mas digo, hoje não tem tortura sistemática no Brasil, isto eu digo. Tem uma vez ou outra, tem a tortura a presos comuns, etc., mas tortura sistemática, com políticos, como tinha até janeiro de 1976, não tem mais. Não se pode negar isso. Mas contar torturas lá fora, nunca fiz. E não acho bem direito, porque a gente tem que vencer aqui dentro. Mas o que eu acho muito bom do exterior, isso praticamos sempre, cada vez que uma leva entrava na cadeia, a gente comunicava à BBC e outros órgãos, para noticiar, porque isso protegia o preso. Isso estamos fazendo ainda com a Argentina, para noticiar, porque isto o governo lê, as embaixadas mandam e é muito bom. Os governos têm que cuidar da imagem externa. Isto foi sempre muito bom, a ajuda tanto da Amnesty International, como da BBC, da France Press. Isso estabelecia uma espécie de rede de comunicação imediata, e quando alguém vinha falar comigo, eu dizia, já comunicou? A primeira coisa que a gente pensava era em comunicar a prisão, para evitar que se prolongasse a cadeia, ou o anonimato na cadeia. Até pouco tempo, agora ainda com o próprio Dilermando, quando houve a tortura desse Arantes..."

BR DFANBSB V8.GNC.AAA. 79002892a.001,p.70

A Opção pelos Pobres

— Há um raciocínio corrente de que a faixa social em que a Igreja brasileira está se concentrando é a mesma faixa em que se concentrou a Igreja no México... O quarto estrato, exatamente. A ação da Igreja está se dirigindo especialmente para esse setor da sociedade que é o mais marginalizado e nesse ponto a ação da Igreja seria parecida com a da mexicana?

D. PAULO: "Não sei, nunca fiz comparação com o México, que está muito distante da Igreja Brasileira. Nunca houve comunicação. Mesmo nas visitas, duas, que fiz lá, tive mais dificuldade de comunicação do que em qualquer outro lugar. Não há assim uma cópia, ou influência, certamente não há influência. Que haja a mesma tática, pode ser, mas é um pouco, não sei se você conhece essa palavra do Cristo ao Isaías, em que ele diz que foi mandado para anunciar aos pobres a esperança, abrir os olhos aos cegos, fazer os surdos ouvirem, fazer os coxos andarem, etc. Isso a gente está ouvindo desde criança, antes de ser ordenado. É um texto quase que tradicional. Cristo anunciou que essa era a missão dele, como anúncio pessoal do profeta e a gente desde jovem foi acostumado. Há alguma coisa no subconsciente, se você não estiver fazendo isso, não está cumprindo o que você prometeu. Eu acho que pode ser que haja em comum isso com o México, por exemplo. Há a opção preferencial pelos pobres, em Puebla e começa com esse texto. Ele serve como uma espécie de programa do Cristo, logo é uma espécie de programa de ação. Agora, na prática, nem todo mundo cai lá".

— Tem os desvios da vida...

D. PAULO: "Os desvios da vida, não é? Eu fui para um seminário, longe de qualquer coisa, mas fui procurar, fugi, depois aos poucos você faz a sua carreira própria. Nem todo mundo pode fazer isso diretamente, mas isso fica no subconsciente, há alguma coisa de, digamos, programática na existência. Mas é bom".

— O senhor sabe que lá no México conhecem o senhor? No ano passado, D. Mendes Arceo falou do senhor...

D. PAULO: "Ah, esse é amigo. Agora estivemos juntos num congresso em Amsterdam de sociologia religiosa..."

Trabalho com a Classe Média

— Perguntamos se ele conhecia o senhor e ele disse: "Ah, esse eu conheço, é o que nós chamamos aqui de *un hombre que usa pantalonas*. Um homem que usa calças.

D. PAULO: "Arceo é um homem fantástico, um homem firme. O que eu estava dizendo é que dizer vai trabalhar só com os pobres, eu trabalho hoje mais com a classe média. Vejo assim, por exemplo, estudantes universitários, estudantes mesmo, imprensa, gente do governo,

Os irmãos Crisóstomo e Paulo Evaristo com uma de suas manas religiosas.

mas a gente sempre tem em mente — é curioso isso — que quem trabalhou nas favelas, trabalhou nos morros, leva sempre esse pessoal a decidir em favor dos pobres. Encontrei ontem o pessoal da ADCE (Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresa) e mandei estudar esse capítulo da opção preferencial pelos pobres. São dirigentes cristãos de empresa para quem eu disse: 'Se vocês não estudarem esse capítulo, a gente não pode nem conversar, porque não tem a mesma linguagem. A gente lida com eles, mas é para... Porque a cultura afasta a gente, a gente é obrigada a ler muito. Eu vou toda semana, um dia, vou ler no mato. Levo uma porção de revistas, mas é francês, inglês, alemão, português é claro... Muita gente tem a idéia de que é uma contradição morar aqui e falar em optar pelos pobres, mas por que não vou morar no meio deles?"

Os Construtores da Sociedade

— O senhor pensou nisso já?

D. PAULO: "Ah muitas vezes, muitas vezes. E mesmo lá em Petrópolis, pensei em morar mesmo na favela. Lá era mais fácil; era possível ainda, embora eu fosse professor de universidade, cheio de... Mas tira a eficiência... eles perderiam".

— Aqui o senhor tem um telefone...

D. PAULO: "Se você está lá, acabou. Em Puebla, elaboramos um capítulo, escolhi esse, é um drama pessoal: Os Construtores da Sociedade".

— O sr. escolheu esse capítulo? Porque o senhor tinha um drama pessoal?

D. PAULO: "Eu me considero alguém que quer construir uma sociedade. Uma nova sociedade. Então, são aqueles que pensam, que decidem, que criam novidade, são estes, são economistas, são jornalistas".

— Pessoas que podem influenciar pessoas. Esta a área que o senhor acha decisiva.

D. PAULO: "É, esta área é decisiva, mas só que não devem ser considerados elites, mas devem ir *com* o povo, em vez de fazer *para* o povo, como sempre se vê, não é? Com o povo, quer dizer, vamos andar junto com o povo, não vamos fazer, por exemplo, um centro comunitário sem que a comunidade queira, participe, o

BR DFANBSB V8.GNC.AAA 79002892 m.001 p. 71

povo participe o quanto pode, faça o que puder. Esse capítulo está todo dominado por isso, mas é escrito para economistas, é o penúltimo capítulo de Puebla. Lá também estava o cardeal do Rio, por opção, não marcado".

O Cardeal Salles

— Mas ele é muito conservador, não é?

D. PAULO: "Não, na linha social ele não é".

— O sr. sabe que o Ralph Della Cava disse: "Olha, esse cardeal Eugênio Salles, que você acha conservador, quando esteve em Natal ele fez um negócio importantíssimo".

D. PAULO: "Não, mas também aqui no Rio... Ele está fazendo uma coisa no Rio que eu nunca consegui em São Paulo. Ele já ganhou três processos de favela, de não serem despejados e ficarem no mesmo lugar e para não haver mais uma cidade de rico e de pobre".

— E o senhor já tentou?

D. PAULO: "Aqui, quantas vezes eu já tentei conseguir a base. Ele conseguiu e ganhou. De a favela permanecer no meio da cidade, para não haver mais cidade de rico e de pobre. Não, o cardeal do Rio não é conservador, ele tem uma imagem falsa, completamente".

— Eu tinha uma imagem dele como uma pessoa vaidosa, que telefona para um Falcão e gosta de falar.

D. PAULO: "Não, não, ele é uma pessoa que gosta de mediação. Ele tem isso no sangue".

"Não Tenho Imagem de Mim Mesmo"

— Mas o senhor não se considera um mediador?

D. PAULO: (sorrindo) "Não sei, eu faço o que eu preciso na hora, eu não me considero nada. Eu não tenho nenhum conceito de mim mesmo. Mas ele não, acho que ele tem isto como política. Agora, que ele seja conservador no campo social, ninguém me convence. Que ele usa dos meios mais poderosos do que eu, isso ele usa. Eu nunca telefonei nem para Maluf, nem para ninguém assim, a não ser que eu precise ir lá. Se a greve não terminar, vai chegar uma hora em que eu vou ter que entrar de novo.

Frei Paulo Evaristo com os pais e os doze irmãos.

BR DFANBSB V8.GNC.AAA. 79002892 an001 / p 72

Mas então não vou lá para pedir socorro, vou lá para tomar posição, conversar. É diferente um pouco a atitude".

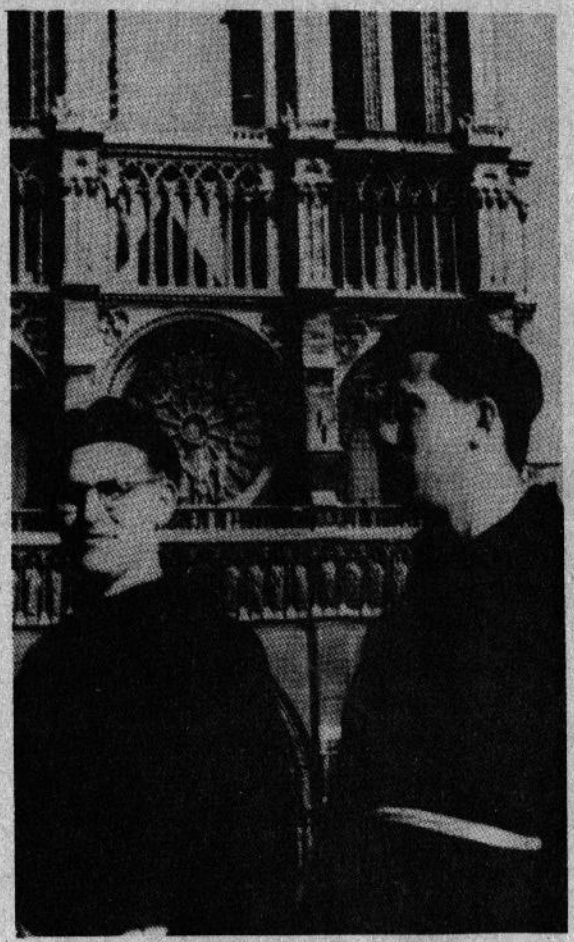
— O senhor disse que se considera também uma das pessoas que tentam construir a sociedade, uma sociedade melhor e mais justa. Como é essa sociedade? Vamos completar a pergunta: Num debate entre o senhor e o Plínio Marcos, na televisão. Durante todo o debate, ele era um dos entrevistadores, ele colocou uma perspectiva um pouco... pessimista, um pouco cinzenta e o senhor, ao contrário, com uma visão mais cor-de-rosa, mais esperançosa. E no fim do programa, o senhor teria dito a ele: 'Mas você tem uma visão um pouco pessimista'. E ele respondeu: 'Mas cardeal, é porque eu não acredito na vida eterna, acho que vou morrer e acaba tudo e não vou ver o mundo mudado'. O que queria acrescentar à pergunta é qual a perspectiva que o senhor tem de tempo.

D. PAULO: "Em primeiro lugar, eu não penso que a Igreja e eu temos qualquer possibilidade de abrir a sociedade como tal. Nós podemos criar condições. Mas não de nós dizermos como deve ser, pois aí estaríamos sendo utopistas, no sentido de perdermos tempo. Mas há outros que podem fazer".

O Povo Ainda não Sabe a Força que Tem

— A Igreja pode ter um papel indutor...

D. PAULO: "Indutor, agora o que eu imagino que possamos criar são três condições: primeiro, a deste povo crer em si. Em segundo lugar, que esse povo tenha um certo instrumental e eles estão tendo — você disse, por exemplo, que eles se comunicam de um lado para o outro da cidade em um tempo recorde e já se comunicam com doze Estados, por exemplo, o Custo de Vida, doze Estados participando vivamente e ninguém sabe como. Eles próprios não sabem a força que têm. Portanto, ter um instrumental para fazer essas coisas. Em terceiro lugar, o que eu acho possível também é de nós darmos alguns pontos fundamentais, critérios fundamentais para a sociedade não ser uma sociedade anárquica, utópica ou passageira demais. Isto a Igreja pode. Mas, mais, muito mais do que isso, dificilmente a Igreja pode dizer bem, nesse caso aqui, deve-se fazer assim... O Helmudt Schmidt quando esteve no Brasil ele falou uma coisa que eu estava sentindo há muito tempo, mas que eu acho que não dá para ser diferente: Ele disse que até 1931, a Igreja criou modelos. Por exemplo, os sindicatos. O que que Leão XIII até Pio XI, a Igreja insistiu para criar sindicatos, para ter autonomia nos sindicatos, para que os sindicatos elaborassem os critérios, para também poder saber o que se passa em toda a sociedade, etc... foi criando certos tipos, certos modelos. Depois, disse ele, e eu acho que ele está certo, ela tem é acentuado valores éticos. Direitos humanos, com João XXIII, ou direitos internacionais ou a questão da mulher, dos operários, dos países colonizados, os principais sinais de mudança, a *Populorum progressio*. Sempre o lado moral, ético, critérios. Mas modelos, não mais. Por quê? Acho que a humanidade mudou. São outros que criam modelos, são sociólogos, políticos, outra gente. E também a vez deles está passando. Acho que é a vez do povo criar os modelos. Os construtores da sociedade de antes estão junto com o povo que está construindo hoje. Seria possível,



Frei Paulo Evaristo com um amigo na frente da catedral de Notre Dame em Paris no pós-Guerra.

BR DFANBSB V8.GNC.AAA. 79002892 v.001 p.73

se nós déssemos convicção, confiança, um instrumental mínimo, e alguns critérios para a gente não se perder, porque a Igreja está há dois mil anos neste campo, além de ter todo o aspecto do Evangelho. E parece-me também que a fé que o povo tem é uma fé mais profunda do que simplesmente dizer eu fui batizado. Há outra coisa por trás. Coisas que vão além. Então, a meu ver, não é mais que vamos fazer. E você diz agora, quando é que isto se realiza? É curioso que isto não me preocupa. Eu acho que cada um, no seu tempo, tem que cumprir com a sua obrigação e ocupar o espaço que necessariamente se abre diante dele para a sua ação. Quando ele for dinâmico. Além disso, nunca me preocupou. Me preocupa, isso sim, deixar o lugar a tempo para que outro possa continuar. Nunca pensei em ser um bispo além dos 65 anos, porque acho que não serei capaz".

— Quantos anos o senhor tem?

D. PAULO: "Vou fazer 58, eu nasci em 21, vou fazer no dia 14 de setembro".

— Signo de Virgem?

D. PAULO: "É".

— Então somos os três de Virgem.

D. PAULO: "Vocês também?"

— O senhor acredita em signo?

D. PAULO: "Não" (sorrindo).

— Mas o senhor não acha que pode ter uma certa influência?

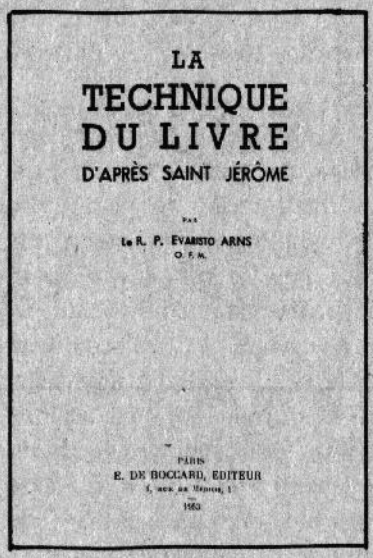
D. PAULO: "Pode ser, mas não me preocupa. Superstição, acho que..."

— Que superstição o senhor tem, conte uma.

D. PAULO: "Nenhuma".

— Passar embaixo de escada, derrubar sal na mesa...

D. PAULO: "Nada. E quanto nos inculcaram quando criança! Uma coisa que eu nunca contei: papai além de ser um comerciante pequenino, ele também era colono, até quando pedi para estudar, era nossa instrução, estudar era uma coisa, não tinha ginásio em Santa Catarina, precisei ir para o Paraná, ele disse: 'Você só pode estudar se você nunca renegar sua condição de filho de operário, de colono'. Então sempre tive orgulho de ser filho de colono, de operário. Mas eu me lembro que à noite, não sei se vocês conhecem, na roça têm aqueles tachos enormes, de cozinhar comida para os porcos e a gente senta lá, cozinha à noite, em torno, aquilo é quentinho, joga batata na brasa, depois tira, come, então aqueles caboclos, amigos íntimos contam todas aquelas histórias, da princesa encarnada, do lobo mau, Pedro Malazarte, assim fios de história, uma novela, e isso ia a 60, 80 noites, enquanto tinha batata. E todas as superstições entram".


LA
TECHNIQUE
DU LIVRE
D'APRÈS SAINT JÉRÔME
PAR
Le R. P. EVARISTO ARNS
O. F. M.
PARIS
E. DE BOCCARD, ÉDITEUR
1953

De Esperança em Esperança

— E ficam no subconsciente.

D. PAULO: "Devem ficar e aparecer, mas eu nunca percebi. Falam em viajar sexta-feira, 13 de agosto, nunca me influenciou. Pode ser que tenha, eu mesmo desconfio, mas nunca reparei. Nunca carreguei uma bolinha no bolso, como muito padre, nem carrego terço, crucifixo, medalha".

— O *clergyman* o senhor não usa mais?

D. PAULO: "Uso quando é oficial. Nunca tive medalha, nem essas santas que acreditamos têm uma bênção. Nunca. Nem com uma imagem de sua mãe, que dá força".

— Por que o senhor escolheu aquele símbolo quando ficou bispo?

D. PAULO: "O escudo diz *Ex spe in spe* — de esperança em esperança. Foi inspirado numa palavra de São Paulo, que disse de fé em fé, quer dizer cada vez que você tem um período na vida você tem outro conceito de Deus e do homem, não é? Vai de fé em fé".

— Tem a idéia do progresso...

D. PAULO: "E tem que ser, você não fica parado, não é? Nunca ouvi falar disso. Vi *Ex fide in fide* e pus esperança no lugar da fé.

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892a.001,p.74

Anexo: O documento de Brodosqui

O primeiro documento da Igreja de São Paulo contra a tortura sistemática no Brasil.

BR DFANBSB V8.GNC.AAA 79002892 dn 001, p 75

Comissão Episcopal Regional Sul-1 — CNBB
ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA
Brodósqui — SP. 6 a 8 de junho de 1972

A Assembléia Ordinária do Regional Sul-1 da CNBB, reunida em Brodósqui, de 6 a 8 de junho de 1972, aprovou a seguinte declaração:

TESTAMENTO DE PAZ

Ao Povo de Deus, ao qual servimos como pastores legitimamente constituídos por Cristo e pela Santa Igreja, e a todos os homens que conosco convivem na sociedade onde se situam nossas dioceses, enviamos a mais sincera e fraterna saudação de paz e de amizade.

Responsáveis pela presença eficaz da comunidade de salvação entre os homens — característica essencial da Igreja —, devemos estar atentos às condições reais da convivência humana que facilitam ou impedem a comunhão fraterna entre os homens. Essa vigilância nos incumbe pela própria essência da função de pastores, aos quais cabe não apenas orientar diretamente quanto aos caminhos a serem seguidos pelos fiéis, mas também contribuir para a correção de comportamentos e medidas que contrariam a lei fundamental do Evangelho, de amor e respeito a todos os homens: . . . "o que fizestes a um dos menores desses meus irmãos, a Mim o fizestes" (Mateus 25,40); "amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem" (Mateus 5, 44).

A consciência viva que temos da missão de pastores a nós confiada por Cristo, obriga-nos a uma vigilante atenção para a plenitude de vida de nossos fiéis: "Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância" (João 10,10). Missão esta que o apóstolo Pedro sintetiza nestas palavras: "Velai sobre o rebanho de Deus que vos é confiado" (1.ª carta de Pedro 5,2).

As celebrações sesquicentenárias da Independência do Brasil convidam-nos antes de mais nada a agradecer a maravilhosa providência de Deus por todos os benefícios de que cumulou nossa Pátria nesses longos anos de sua autonomia política. Temos, porém, que reconhecer sinceramente que não houve sempre da parte de nós homens a devida obediência à Sua Vontade Divina, manifestada pelas leis natural e positiva e pelo Evangelho.

Colocados pelo Espírito Santo à frente do Povo de Deus que vive no Estado de São Paulo,

convidamos todos os nossos irmãos a fazermos juntos um sincero exame de consciência, no intuito de colocar em evidência as transgressões das leis divinas e ao mesmo tempo nos inteirar da gravíssima responsabilidade que assumimos diante da Justiça Divina, sobretudo quando essas transgressões atingem nosso irmão cujo amor Cristo estabeleceu como o maior sinal de sua presença salvífica no mundo (cfr. João 13,35).

Assim é que mais uma vez vemo-nos impelidos a trazer à consideração dos responsáveis pela ordem pública atitudes e fatos já conhecidos tanto dentro de nossas fronteiras, como no estrangeiro, que atentam violentamente contra a incolumidade física, à integridade psíquica, à dignidade da pessoa humana no seu valor moral e religioso.

Fatos e atitudes que já foram objeto de uma clara afirmação da ASSEMBLÉIA NACIONAL DO EPISCOPADO, no DOCUMENTO PASTORAL DE BRASÍLIA: "... é notório que apesar dos desmentidos, há bem viva na consciência de nossa população e muito difundida na opinião pública internacional a convicção de que é relevante a incidência dos casos de tortura no Brasil" (maio de 1970). Fenômenos desta natureza não são exclusivos da realidade nacional, mas infelizmente ocorrem também em outros países, não cabendo a povo algum o direito de atirar a primeira pedra.

De fato, não são raros os casos que chegam ao nosso conhecimento, casos esses ocorridos no Estado de São Paulo, revelando que essa situação não mudou, substancialmente, desde aquela data até hoje.

Colocado perante uma situação de iniqüidade, João Batista ergueu a voz para dizer com coragem profética: "Não te é lícito" (Marcos 6, 18).

Falharíamos a um imperativo da consciência se não retomássemos a palavra de João Batista, diante de alguns fatos de hoje.

Não é lícito efetuar prisões da forma como freqüentemente estão sendo feitas entre nós: sem identificação da autoridade coatora nem dos agentes que a executam, sem comunicação ao Juiz competente dentro do prazo legal. Muitas dessas detenções tomam o aspecto de verdadeiros seqüestros. — Ora, a lei que nos rege, emanada do próprio Movimento Revolucionário de Março de 1964, claramente determina que "ninguém será preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita da autoridade competente" (Constituição de 1969, Art. 153 § 1.º).

Não é lícito utilizar no interrogatório de pessoas suspeitas, com o fim de obter confissões, revelações ou delação de outros, métodos de tortura física, psíquica ou moral, sobretudo quando levados até à mutilação, à quebra da saúde e até à morte, como tem acontecido. Está isso em frontal desacordo com a Constituição que taxativamente diz que se "impõe a todas as autoridades o respeito à integridade do detento e do presidiário" (Art. 153, § 14).

Ouçam os responsáveis por essas ações: "Eis que a voz do sangue de teu irmão clama por mim desde a terra" (Gênesis, 4, 10). E lembrem-se, outrossim, da grave obrigação que têm de oferecer aos arbitrariamente punidos e injustiçados a devida reparação pelos danos morais e sociais infligidos à sua pessoa (cfr. Mateus 7, 1-2).

Não é lícito privar os acusados de seu direito de ampla defesa ou prejudicá-la mediante ameaças, nem prejulgar o acusado como réu, antes de julgado, nem protelar por tempo indeterminado o processo regular, quando nossa Carta Magna expressamente determina que "a lei assegurará aos acusados a ampla defesa com os recursos a ela inerentes" (Art. 153 § 15); e que "a instrução criminal será contraditória" (Ibid. § 16).

Não é lícito a qualquer outra autoridade sobrepor-se à consciência dos juízes ou criar impedimentos ao livre exercício de sua função. Seria expor o magistrado a uma eventual iniqüidade, condenada pela Palavra de Deus: "Afasta-te da injustiça e ela se afastará de ti. Não procures tornar-te juiz se não fores bastante forte para destruir a iniqüidade, não aconteça que temas perante um homem poderoso e te exponhas a pecar contra a eqüidade. Não acrescentes um segundo pecado ao primeiro, pois, mesmo por causa de um só, não ficarás impune" (Eclesiástico 7, 1ss).

Sabemos, por experiência pessoal, como é difícil que a autoridade seja sempre atendida na execução de suas determinações. Acreditamos que as mais altas Autoridades do País, neste momento histórico da Pátria, estão imbuídas de sinceros propósitos para levar a feliz termo a obra da Paz, na Verdade e na Justiça. Impõe-se, porém, que os responsáveis pela ordem social, em nosso País, reflitam, com maior insistência, so-

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892a.004p.78

bre os fatos e atitudes, que aqui denunciamos, para não se verem, de algum modo, incriminados pelas misérias morais, que atualmente se verificam. "Ai daqueles que ... denegam a justiça àquele que tem o direito ao seu lado" (Isaías 5,23).

Aplaudimos as Autoridades quando, no exercício legítimo de suas atribuições, condenam o crime, a violência, ou a desordem social. Lamentamos, porém, de modo especial, a suspensão da plena garantia do habeas-corpus. Colocamo-nos ao lado dos que pleiteiam o retorno total dessa garantia. É exatamente sua falta que contribui não pouco a criar e a manter um clima de insegurança social. Insegurança de pessoas que se sentem ameaçadas de prisão e maus-tratos até sob meras suspeitas ou por engano. Insegurança de famílias inteiras, impossibilitadas de obter durante meses notícias de membros seus, presos. Insegurança da própria sociedade incapacitada de confiar naqueles que têm a responsabilidade de sua proteção.

A reposição de um clima de confiança na Justiça, certamente voltará a tranqüilizar nossas famílias e todo nosso povo.

Bem sabemos que é próprio da Misericórdia Divina oferecer o perdão a todos os que reconhecem suas fraquezas. "Deus não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva" (cfr. Ezequiel 33,11). O que não se pode admitir é a perseverança no erro e no mal, quando conhecidos.

Estamos certos de que as Autoridades, sensíveis à consciência cristã, saberão interpretar este nosso apelo, como uma forma fraterna de colaboração e expressão da Vontade de Deus, que nos conclama a todos para a vivência da Paz que tem sua plenitude em Cristo.

Que essa Paz guarde nossos corações e nossas inteligências e nos torne atentos à Verdade e desejosos da Justiça.

Brodósqui, 8 de junho de 1972.

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892.001.p.77

Greves, manifestações e repressão no Brasil de 1917 a 1930.

As memórias de Octavio Brandão, conhecido líder comunista brasileiro da primeira metade do século. Trata-se do balanço "dos combates travados e experiências vividas" pelo autor, em sua longa vida militante, desde 1917 até 1930, quando foi exilado pelo ditador Getúlio Vargas.

COMBATES E BATALHAS - MEMÓRIAS
Octavio Brandão - 408 pp.

Pedidos pelo Reembolso Postal à Editora Alfa-Omega
05413 - Rua Lisboa, 502 - São Paulo - Capital - Tel. 853-4489.

OBRAS DE D. PAULO

LA TÉCHNIQUE DU LIVRE D'APRÈS SAINT JÉROME (Tese doutoral da Sorbonne), Paris, 1953.
LIBERDADE DE ENSINO; Petrópolis, 1960.
POR QUE ESCOLAS CATÓLICAS?, Petrópolis, 1963.
RUMO AO CASAMENTO, Petrópolis, 1963.
A QUEM IREMOS, SENHOR?, São Paulo, 1968.
A HUMANIDADE CAMINHA PARA A FRATERNIDADE, São Paulo, 1968.
PAULO VI: VOCÊ É A FAVOR OU CONTRA?, São Paulo, 1970.
CARTAS DE SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA — Introdução, Tradução e Notas, Petrópolis, 1970.
A GUERRA ACABARÁ, SE VOCÊ QUISER, São Paulo, 1970.
CARTA DE SÃO CLEMENTE ROMANO — Introdução, Tradução e Notas — Petrópolis, 1971.
DE ESPERANÇA EM ESPERANÇA NA SOCIEDADE, HOJE — São Paulo, 1971.
Santo Ambrósio: OS SACRAMENTOS E OS MISTÉRIOS — Introdução, Tradução do Original Latino — Petrópolis, 1972.
COMUNIDADE: UNIÃO E AÇÃO, São Paulo, 1972.
VIVER É PARTICIPAR, São Paulo, 1973.
CRISTÃOS EM PLENA VIDA, São Paulo, 1974.
VOCÊ É CHAMADO A EVANGELIZAR, São Paulo, 1974.
NOVA FORMA DE CONSAGRAÇÃO DA MULHER, São Paulo, 1974.
O EVANGELHO: INCOMODA? INQUIETA? INTERESSA?, Sínodo da Evangelização — São Paulo, 1975.
A FAMÍLIA CONSTRÓI O MUNDO?, São Paulo, 1975.
CIDADE, ABRE AS TUAS PORTAS!, São Paulo, 1976.
QUAL É A SUA VOCAÇÃO?, São Paulo, 1976.
SÊ FIEL!, São Paulo, 1977.
CONVITE PARA REZAR, São Paulo, 1978.
EM DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS — encontro com o repórter — ed. Brasília/Rio, Rio de Janeiro, 1978.

BR DFANBSB V8.GNC.AAA. 79002892 in 001, p. 78

AQUI ESTÃO OS MELHORES LIVROS

01
REALIZAÇÃO EM SUPER 8
por James Piper. Adaptação e prefácio da edição brasileira por Abrão Berman. Este livro dirige-se a estudantes de cinema e a autodidatas que desejam aprender como realizar filmes sérios, mas sem muita despesa, baseados inteiramente em equipamento Super 8.
Cr$ 170,00

02
CRIATIVIDADE EM PROPAGANDA
por Roberto Menna Barreto.
Um livro que põe o cérebro do leitor em movimento. Uma obra ideal para os que trabalham em publicidade, e para os que consomem tudo o que os publicitários anunciam.
Cr$ 155,00

03
TRATADO GERAL SOBRE A FOFOCA
- por José Angelo Gaiarsa.
De forma altamente sugestiva, polêmica e séria, o autor descreve a maneira como todos nós estamos envolvidos, tanto como vítimas quanto como agentes da fofoca.
Cr$ 130,00

04
MASSAGEM PSÍQUICA
- por Roberta DeLong Miller.
Um livro simples, direto, fácil de entender, ilustrado com fotografias e desenhos e que ensina um método para destruir o efeito corrosivo do "stress" além de construir uma personalidade e um corpo mais equilibrados.
Cr$ 180,00

05
ANTOLOGIA POÉTICA DE FERREIRA GULLAR
Com poemas selecionados pelo próprio autor, que considerou na escolha seu próprio gosto, a opinião de críticos e de seus leitores, e os mais marcantes poemas em seu trabalho.
Cr$ 80,00

06
O DIVÓRCIO FRENTE A FRENTE
- por S. Gettfeman e J. Markowitz.
O primeiro livro publicado no Brasil sobre o divórcio, que trata de algo mais importante que a lei: as pessoas envolvidas. "Um livro objetivo e oportuno" na opinião de Son Nelson Carneiro.
Cr$ 130,00

07
ARQUIVO SECRETO DE HOWARD HUGHES
por Elaine Davenport e Paul Eddy com Mark Hurwitz.
Por mais longas que fossem suas unhas, ou bizarros os seus hábitos alimentares, a coisa mais importante em Howard Hughes era o seu dinheiro. Este livro trata do que ele fez com seu dinheiro durante os últimos dias de sua vida.
Cr$ 100,00

08
GUERNICA — A Morte Inútil de Uma Cidade
- por Gordon Thomas e Max Morgan-Witts.
A Segunda Guerra Mundial começou em Guernica, a cidade que foi reduzida a ruínas em plena Guerra Civil Espanhola.
Este livro vem finalmente mostrar a verdade sobre uma tragédia até hoje mal compreendida.
Cr$ 120,00

09
CASOS ESPECIAIS DE OSMAN LINS
Três novelas apresentadas pela TV Globo na série "Caso Especial" foram reunidas nesta edição. Três histórias com a força do excepcional novelista que foi Osman Lins.
Cr$ 90,00

10
ARTÉRIAS E BECOS
- por Júlio Cesar Monteiro Martins.
Dois homens assassinam-se friamente num apartamento num apartamento da Zona Sul carioca. Um é Eire, bombeiro-hidráulico. O outro é Jeronimo, funcionário público, filho de um general. O que se esconde por trás dessa tragédia?
Cr$ 90,00

11
O FATOR T
por Mark L. Stein.
O tempo é a matéria-prima da vida. Mas como tirar dele o melhor proveito? Você ficará surpreso ao perceber o quanto ele pode ajudá-lo a lidar com suas humores, sucessos, fracassos, e melhorar a sua visão de ontem, do hoje e do amanhã — até mesmo do futuro distante.
Cr$ 100,00

12
REUNIÕES PODEM FUNCIONAR
por Michael Doyle e David Straus.
Os autores criaram o Método de Interação, que tem sido empregado com sucesso em diversos tipos de organizações. Um livro indispensável a todos que lidam com reuniões qualquer que seja a finalidade ou número de participantes.
Cr$ 120,00

13
DIA DE MATAR O PATRÃO
por Julieta de Godoy Ladeira.
Um livro de quem conhece de fato a mentalidade burguesa e analisa, com extrema sensibilidade, os reflexos dessa mentalidade em cada um de nós e, de forma geral, no mundo em que vivemos.
Cr$ 70,00

14
LINGUAGEM TOTAL
Uma pedagogia dos meios de comunicação.
por Francisco Gutierrez
Os métodos tradicionais de ensino não mais atendem as necessidades atuais. Este livro mostra a urgente necessidade de revisar a educação à luz das novas exigências que nos oferecem os meios de comunicação social.
Cr$ 90,00

15
A GRANDE FALA DO ÍNDIO GUARANI
por Affonso Romano Sant'Anna.
Segundo Jorge Amado: Um poema novo e ao mesmo tempo antigo que vem das nossas origens até os dias de hoje e passa em revista o continente latino-americano e o tempo em que vivemos, o passado e o futuro." Edição luxuosamente encadernada e ilustrada pelo artista Glauco Rodrigues.
Cr$ 300,00

16
O ÚLTIMO TREM DE BERLIM
por George Blagowidow
Esta é uma arrepiante novela sobre a obsessão de uma jovem: o relato, cheio de suspense, do ousado plano de Adam Loski para matar Hitler, ao lado de gente erotica pelo seu êxito. Uma narrativa firme e que envolve o leitor conduzindo-o a um final excitante.
Cr$ 120,00

17
DOMÍNIO DO MOVIMENTO
- por Rudolf Laban.
Edição organizada por Lisa Ullmann.
Este livro explora a relacionamento entre as motivações interiores do movimento e o funcionamento exterior do corpo. Os numerosos exercícios destinam-se à sensibilização intelectual, emocional e física.
Cr$ 200,00

18
O SOM NO SUPER 8
- por Pierre Monier.
Adaptação e prefácio da edição brasileira de Abrão Berman.
Este livro trata dos problemas de sonorização em filmes Super 8. Todos os aparelhos, da câmara até o projetor, e todas as técnicas que podem ser utilizadas para um bom filme sonoro, com cerca de 200 ilustrações.
Cr$ 200,00

19
ABC DA GRAVAÇÃO
- por Doug Crawford
Um prático manual dividido em três partes: a primeira mostra os gravadores de carretel — como funcionam, como usá-los; na segunda parte há, em ordem alfabética, uma explicação para cada termo usado no mundo dos gravadores; a última parte é dedicada aos cassetes.
Cr$ 100,00

20
SUPER 8 E OUTRAS BITOLAS EM AÇÃO
- por J. David Basil.
Adaptação e prefácio da edição brasileira por Abrão Berman.
Usando o planejamento e a elaboração de um filme, este livro nos indica desde a escolha do equipamento até a projeção, cada uma das técnicas e processos usados na produção de um filme.
Cr$ 170,00

21
DIÁRIO DE UMA MULHER - Do casamento ao divórcio
- por Susan Brady.
As emoções em conflito durante o casamento começa a fracassar, o rompimento e a adaptação a uma nova vida através de uma experiência esmagadora até surgir uma nova pessoa no modo de encarar o mundo ao seu redor.
Cr$ 120,00

22
UMBRA
- por Plínio Cabral.
Este livro é um grito de desespero pelo assassinato da própria vida. É o protesto de quem não se conforma com aquele que se jactou de ter sido "criado à imagem e semelhança de Deus", mas que está poluindo o planeta e decretando o fim da própria espécie.
Cr$ 70,00

23
ISTO É GESTALT
Este livro é uma coletânea de artigos de Frederick Perls, o iniciador da Gestalt-terapia, mais os expressivos nomes de Wilson Van Dusen, Stephen A. Tobin, John B. Enright, Barry Stevens, Robert K. Hall, Stella Renick, Marc Joslyn, além de John O. Stevens que organizou o livro.
Cr$ 200,00

24
EU ODEIO VER UM GERENTE CHORAR
por Martin R. Smith
Numa linguagem leve mas contundente, este livro é resultado de um trabalho sério do seu autor, que nos faz partilhar de segredos e experiências resultantes de 15 anos de atividade empresarial, abordando tudo o que um administrador deve saber.
Cr$ 110,00

25
BERRA, CORAÇÃO
por Lourenço Diaféria.
A cidade de Mamangaba está tão próxima de todos a ponta de não ser reconhecida. Ela é o cenário usado pelo autor para mostrar que é preciso muita atenção para perceber o que pode estar ocorrendo diante de todos.
Cr$ 80,00

ESCOLHA JÁ OS LIVROS QUE VOCÊ QUER.

FAÇA JÁ O SEU PEDIDO!
Marque os livros que você deseja nos quadrinhos que estão acima dos números de referência. Preencha todos os dados do cupom e remeta-o em envelope endereçado à CAIXA POSTAL 13.814 — SÃO PAULO — SP.
Caso você envie junto o cheque no valor do pedido, seus livros serão remetidos por via postal registrada ou portador, sem nenhum acréscimo. Você poderá também receber o pedido por Reembolso Postal pagando o valor correspondente ao retirá-lo na Agência Postal de sua cidade.

À ***summus editorial*** - Caixa Postal 13.814 - São Paulo

Desejo receber pelo Correio, em remessa registrada, os livros assinalados abaixo que pagarei da forma assinalada.

☐ Por cheque nominal, que estou anexando, no valor do meu pedido, sem mais despesas.

☐ Pelo reembolso postal, cujo valor comprometo-me a pagar na Agência Postal desta cidade ao receber meu pedido.

NOME _____
ENDEREÇO _____
CEP _____ CIDADE _____ EST. _____
DATA _____ ASSINATURA _____

Assinale, nos quadrinhos, os livros que você deseja:

☐ 01 ☐ 02 ☐ 03 ☐ 04 ☐ 05 ☐ 06 ☐ 07 ☐ 08 ☐ 09 ☐ 10 ☐ 11 ☐ 12

☐ 13 ☐ 14 ☐ 15 ☐ 16 ☐ 17 ☐ 18 ☐ 19 ☐ 20 ☐ 21 ☐ 22 ☐ 23 ☐ 24 ☐ 25

HI-4

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002592a.001.p.75

"A CLAREZA É A BOA FÉ DO FILÓSOFO"

VAUVENARGUES

Antonio Candido, sociólogo, homem de letras, filósofo brasileiro, está sendo homenageado por amigos e discípulos. Queremos juntar-nos a eles e à LIVRARIA DUAS CIDADES — que é a responsável pelo lançamento do livro ESBOÇO DE FIGURA — prestando, também, a nossa homenagem e a de nossos autores ao ilustre mestre, que, com sua clareza de espírito e a sua dedicação ao conhecimento, tanto tem enriquecido o patrimônio cultural dos brasileiros.

Esboco de figura
homenagem a Antonio Candido

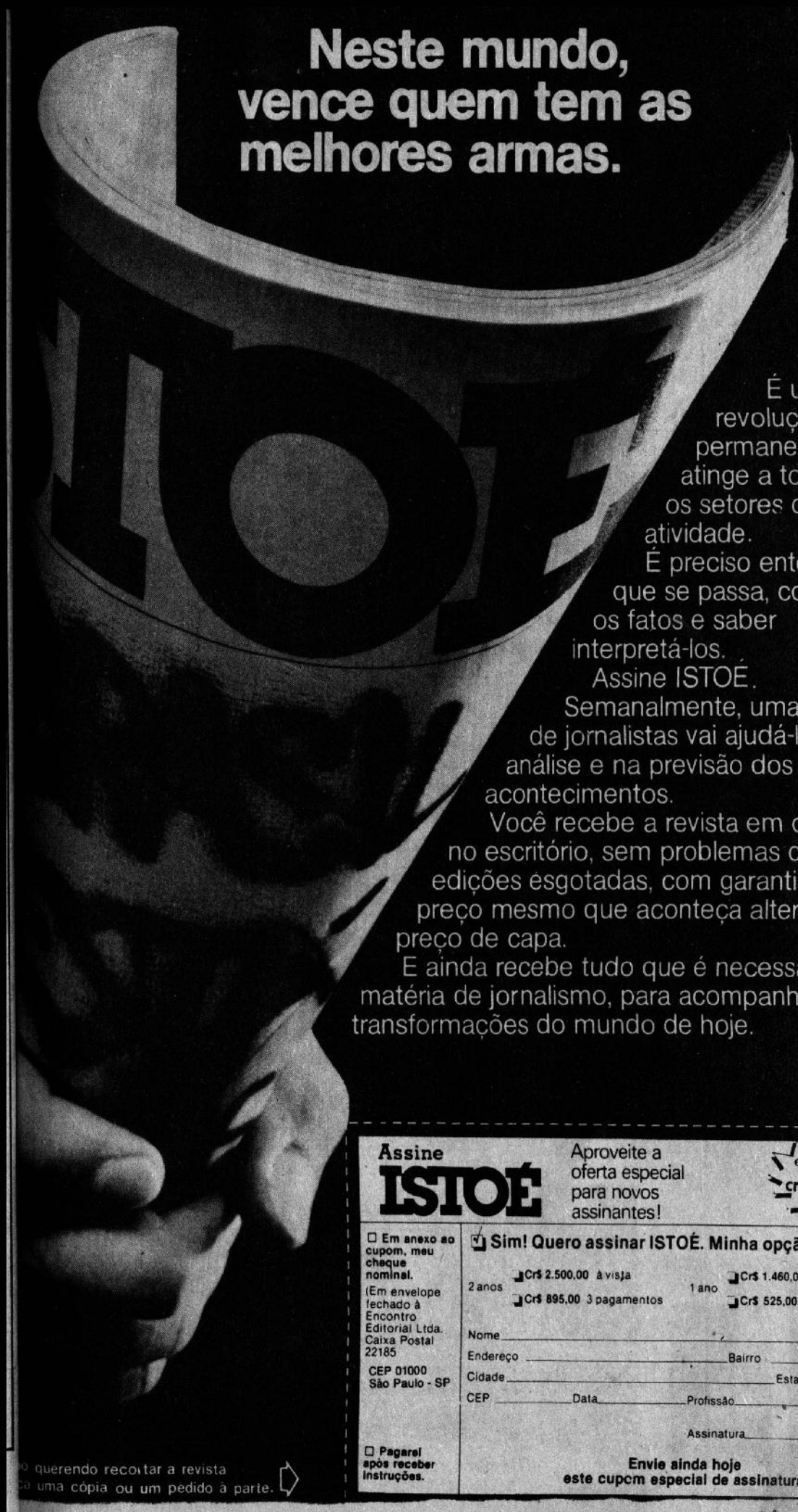
Afonso Arinos
Alfredo Bosi
Alfredo Mesquita
Bento Prado Jr.
Caio Prado Jr.
Carlos Drummond de Andrade
Celso Lafer
Davi Arrigucci Jr.
Décio de Almeida Prado
Fernando Henrique Cardoso
Florestan Fernandes
Francisco de Assis Barbosa
Francisco C. Weffort
Francisco Iglésias
Guilhermino Cesar
José Guilherme Merquior
José Petronillo de Santa Cruz
Paulo Emilio Salles Gomes
Raymundo Faoro
Roberto Schwarz
Ruy Coelho
Sérgio Buarque de Holanda
Tércio Sampaio Ferraz Jr.
Walnice Nogueira Galvão

Livraria
Duas Cidades

EDITORA ALFA-OMEGA

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892.004.P.80

AUTOR NACIONAL CULTURA BRASILEIRA



Neste mundo, vence quem tem as melhores armas.

É uma revolução permanente que atinge a todos os setores de atividade.

É preciso entender o que se passa, conhecer os fatos e saber interpretá-los.

Assine ISTOÉ.

Semanalmente, uma equipe de jornalistas vai ajudá-lo na análise e na previsão dos acontecimentos.

Você recebe a revista em casa ou no escritório, sem problemas de edições esgotadas, com garantia do preço mesmo que aconteça alteração no preço de capa.

E ainda recebe tudo que é necessário, em matéria de jornalismo, para acompanhar as transformações do mundo de hoje.

recorte aqui

Assine ISTOÉ

Aproveite a oferta especial para novos assinantes!

economize até Cr$ 1.140,00

☐ **Em anexo ao cupom, meu cheque nominal.**
(Em envelope fechado à Encontro Editorial Ltda. Caixa Postal 22185
CEP 01000 São Paulo - SP

☐ **Pagarei após receber instruções.**

☑ **Sim! Quero assinar ISTOÉ. Minha opção:**

2 anos ☐ Cr$ 2.500,00 à vista ☐ Cr$ 895,00 3 pagamentos

1 ano ☐ Cr$ 1.460,00 à vista ☐ Cr$ 525,00 3 pagamentos

Nome _____

Endereço _____ Bairro _____

Cidade _____ Estado _____

CEP _____ Data _____ Profissão _____

Assinatura _____

Envie ainda hoje este cupom especial de assinatura

...o querendo recortar a revista ...ça uma cópia ou um pedido à parte.

BR DFANBSB V8.GNC.AAA. 79002892 v.001, p.81

Realidade e ficção a serviço da democracia.

ENSAIOS

Monções - Sérgio Buarque de Holanda - A análise, do ponto de vista da história social e econômica, da ampliação do domínio luso-brasileiro, através das frotas de comércio - as monções. (2.ª ed.) **Ref. A-01** - 163 pp. - Cr$ 138,00

A escravidão africana no Brasil - Maurício Goulart - Um livro de análise sociológica e interpretação histórica, fundamental no estudo de nosso desenvolvimento econômico-social. **Ref. A-02** - 300 pp. - Cr$ 186,00

A luta pela modernização da economia cafeeira - Hélio Duque - Um estudo sobre a industrialização do café solúvel e a ação das multinacionais do setor cafeeiro da economia. **Ref. A-03** - 167 pp. - Cr$ 144,00

Violência - J. Pereira - Uma análise do "homo brutalis", da violência na sociedade humana e das perspectivas para a vida do homem sobre o planeta. **Ref. A-04** - 114 pp. - Cr$ 84,00

ATENÇÃO
Nos pedidos superiores a Cr$ 1.000,00, você receberá um livro grátis, à sua escolha entre os títulos deste anúncio.

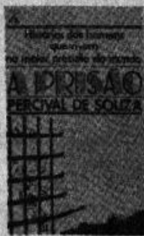
Castas, estamentos e classes sociais - Sedi Hirano - A estratificação social, o pensamento sociológico de Marx e Weber, a evolução da sociedade de classes no Brasil. (2.ª ed.) **Ref. A-05** - 132 pp. - Cr$ 93,00

Coronelismo, enxada e voto - Victor Nunes Leal - Um clássico da literatura política brasileira; as lideranças dos coronéis na tradição política do Brasil rural. (4.ª ed.) **Ref. A-06** - 276 pp. - Cr$ 168,00

A idéia republicana no Brasil através dos documentos - Reynaldo C. Pessoa - Uma coletânea contendo 16 documentos inéditos sobre o movimento republicano brasileiro, de 1886 a 1889. **Ref. A-07** - 176 pp. - Cr$ 120,00

Isto é um assalto - Demócrito Moura - Um livro-reportagem em defesa do consumidor brasileiro. A denúncia dos crimes contra a economia e a saúde populares, da propaganda e das multinacionais. **Ref. A-08** - 128 pp. - Cr$ 96,00

Energia elétrica e capital estrangeiro no Brasil - Catullo Branco - O poder econômico e político das multinacionais da eletricidade. Entenda os motivos que levaram à compra da Light pelo governo brasileiro. **Ref. A-09** - 136 pp. - Cr$ 115,00



A prisão - Percival de Souza - Uma série de reportagens sobre a casa de detenção paulistana, considerada o maior presídio do mundo. (2.ª ed., aumentada, formato bolso). **Ref. A-10** - 128 pp. - 40,00

A tecnocracia na História - Carlos Estevam Martins - A teoria e a prática políticas da tecnocracia. "Uma argumentação inspirada por um pensamento político rebelde", segundo o prefaciador Fernando H. Cardoso. **Ref. A-11** - 167 pp. - Cr$ 126,00

Três industrialistas brasileiros - Heitor Ferreira Lima - O surto de industrialização do fim do séc. XIX, através das biografias de Rui Barbosa, Visconde de Mauá e Roberto Simonsen. **Ref. A-12** - 197 pp. - Cr$ 126,00

Política e segurança - Heloisa R. Fernandes - Um estudo sociológico sobre a Força Pública de S. Paulo, tomada como modelo na análise do papel dos órgãos de segurança nas transformações econômicas, sociais e políticas. **Ref. A-13** - 259 pp. - Cr$ 162,00

A guerrilha do Araguaia - 1.º volume da coleção "História imediata". A reportagem completa sobre o movimento guerrilheiro de Xambioá, nas selvas paraenses, de 1972 a 1975. **Ref. A-14** - 80 pp. - Cr$ 35,00

Contribuição à história das lutas operárias no Brasil - Hermínio Linhares - Um levantamento de todas as reivindicações, publicações, partidos e órgãos políticos da classe operária brasileira, desde o séc. XIX. **Ref. A-15** - 98 pp. - Cr$ 90,00

FICÇÃO

Antologias Alfa-Omega - O "mapeamento" do conto regional brasileiro, reunindo autores inéditos e já editados, em uma coletânea de contos para cada estado

Assim escrevem os paulistas - Hamilton Trevisan (org.). **Ref. A-16** - 207 pp. - Cr$ 125,00

Assim escrevem os gaúchos - Janer Cristaldo (org.). **Ref. A-17** - 170 pp. - Cr$ 110,00

Assim escrevem os catarinenses - Emanuel Medeiros Vieira (org.). **Ref. A-18** - 192 pp. - Cr$ 115,00

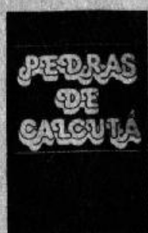
Assim escrevem os paranaenses - Domingos Pellegrini Jr. (org.). **Ref. A-19** - 154 pp. - Cr$ 115,00

Ciriaco Martins e outras histórias - Roniwalter Jatobá de Almeida - Contos de denúncia sobre o migrante na grande cidade. A realidade proletária dos grandes centros urbanos. **Ref. A-20** - 120 pp. - Cr$ 95,00

Um partido chamado coragem - Carlos Alberto Luppi - Poemas que são "o berro do momento marginal, a solidão do minuto tenso, a lágrima de amargura vertida em cima da realidade em que vivemos". **Ref. A-21** - 103 pp. - Cr$ 90,00

Tango Fantasma - Márcia Denser - Contos. As dúvidas, as contradições e os conflitos da mulher moderna em busca de sua libertação sexual autêntica. **Ref. A-22** - 108 pp. - Cr$ 100,00

Não passarás o Jordão - Luiz Fernando Emediato - Contos. "Relatos vertiginosamente expressionistas" de ficção política, tendo como foco a repressão dos anos 70. **Ref. A-23** - 123 pp. - Cr$ 110,00



Pedras de Calcu[tá] - Caio Fernando Ab[reu] - Coletânea de co[ntos] que constituem a [do]cumentação das [...] cias da geração do [au]tor, "violentada, co[...] zada e drogada a p[artir] de 1964". **Ref. A-[24]** - 124 pp. - Cr$ 100,0[0]

Contos de esqu[...] - Furio Lonza - Uma [nar]rativa crua e dire[ta] respeito da metró[pole] de onde emerge[m o] trágico e o grotesc[o do] dia-a-dia das pes[soas]. **Ref. A-25** - 115 p[p]. - Cr$ 90,00

A força dos mitos - Ja[n]er Cristaldo - Crô[nicas] sobre a vida pol[ítica,] social, econômica [e] cultural brasileira [e in]ternacional. A c[...] mordaz e contunde[nte] da realidade [...] **Ref. A-26** - 168 [pp.] - Cr$ 115,00

LITERATURA LATINO-AMERICANA

Crônicas de Bustos [Do]mecq - Jorge Luis [Bor]ges e Adolfo Bioy [Ca]sares - Obra con[junta] dos dois maiores [escri]tores argentinos, [sá]tira às concepçõe[s es]téticas do mundo [oci]dental. **Ref. A-27** - [...] pp. - Cr$ 110,00

Para te comer mel[hor] - Eduardo Gudiño K[ieffer] - Romance que a[borda] a tragédia das g[e]rações dos g[randes] centros industriali[zados,] magadas pelos [siste]mas econômico e [polí]tico do mundo [de]senvolvido. **Ref. A-[28]** - 223 pp. - Cr$ 115[,00]

EDITORA ALFA-OMEGA
05413 - Rua Lisboa, 502 - Tel.: 853-4489 - São Paulo - Capital

NOME ____________________
ENDEREÇO ____________________ CEP ________
CIDADE ____________________ ESTADO ____________ DATA ________

Solicito o envio, pelo Reembolso Postal, dos livros de sua publicação, cujas referências vão abaixo assinaladas.

A-01	A-02	A-03	A-04	A-05	A-06	A-07	A-08	A-09	A-10	A-11	A-12	A-13	A-14
A-15	A-16	A-17	A-18	A-19	A-20	A-21	A-22	A-23	A-24	A-25	A-26	A-27	A-28

Se o meu pedido for superior a Cr$ 1.000,00 enviem-me, livre de quaisquer despesas e inteiramente grátis, o livro de referência [ ]

____
ASSINATURA

NB — PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31 DE AGOSTO

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892 a.001, p. 82

BR DFANBSB V8.GNC.AAA.79002892a.001 p. 83/92

os autores que desafiaram o arbítrio.

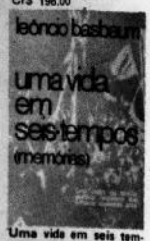
História sincera da República — Vol. 1. (até 1889) — **Ref. 01** — 284 pp. Cr$ 156,00 — Vol. 2 (1889/1930) — **Ref. 02** — 316 pp. Cr$ 156,00 — Vol. 3 (1930/1960) — **Ref. 03** — 252 pp. Cr$ 156,00 — Vol. 4 (1961/1967) — **Ref. 04** — 216 pp. Cr$ 156,00

Estado e partidos políticos no Brasil — A formação do sistema partidário brasileiro desde 1930 até 1964.

Ref. 05 — 178 pp.
Cr$ 145,00

História das lutas sociais no Brasil — O depoimento de um dos primeiros militantes do movimento operário no Brasil entre os anos de 1910 e 1930.

Ref. 06 — 330 pp.
Cr$ 198,00



Uma vida em seis tempos — Memórias de um historiador militante, revelando os fatos que caracterizaram os desvios por que passou o PCB.

Ref. 07 — 309 pp.
Cr$ 186,00

ATENÇÃO

Nos pedidos superiores a Cr$ 1.000,00, você receberá um livro grátis, à sua escolha, entre os títulos deste anúncio.

10 dias que abalaram o mundo — A mais famosa reportagem sobre a revolução russa de 1917 e a tomada do poder pelos bolcheviques.

Ref. 08 — 315 pp.
Cr$ 90,00

A ilha — A primeira reportagem brasileira sobre Cuba, desde o bloqueio. 15ª edição, 120 mil exemplares vendidos. Ilustrado.

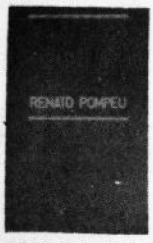
Ref. 09 — 208 pp
Cr$ 70,00

A sangue quente — A morte de Vladimir Herzog. "Um dos trabalhos mais dignos do jornalismo brasileiro" (Mino Carta).

Ref. 10 — 99 pp.
Cr$ 40,00

Quatro olhos — Romance documental sobre a geração "Maria Antonia", neurotizada pela repressão policial.

Ref. 11 — 188 pp.
Cr$ 115,00



A saída do primeiro tempo — Um romance sobre o futebol e o cotidiano das cidades. O teatro do povo, que é o futebol, se confunde com o teatro da vida.

Ref. 12 — 182 pp.
Cr$ 126,00

Em câmara lenta — Romance de ficção política baseado na experiência dos guerrilheiros urbanos do fim década de 60.

Ref. 13 — 176 pp.
Cr$ 145,00

Cadeia para os mortos — Coletânea de contos de ficção política: a repressão e o terror, como conseqüência do AI-5.

Ref. 14 — 100 pp.
Cr$ 100,00

O messianismo no Brasil e no mundo — Um dos mais importantes estudos de Sociologia Rural brasileira, em 2ª edição revista e aumentada.

Ref. 15 — 440 pp.
Cr$ 252,00

Mataram o presidente! — A revelação da verdade sobre a morte de Getúlio, o crime da rua Toneleros e "a República do Galeão".

Ref. 16 — 140 pp.
Cr$ 110,00

Fronteiras — Reportagem sobre geo-política brasileira: uma viagem às fronteiras desconhecidas do Brasil.

Ref. 17 — 230 pp.
Cr$ 150,00

Notícia: um produto à venda — O processamento da notícia, a indústria das comunicações, o dia-a-dia dos jornais.

Ref. 18 — 194 pp.
Cr$ 150,00

Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil — As relações entre o café e a indústria. O desenvolvimento do capitalismo brasileiro e suas contradições.

Ref. 19 — 120 pp.
Cr$ 100,00

A luta pela industrialização no Brasil — Análise da industrialização no Brasil, desde a Regência até os governos de Artur Bernardes e Washington Luiz.

Ref. 20 — 224 pp.
Cr$ 120,00

Minha vida e as lutas do meu tempo — Depoimento sobre a história política do Brasil, dos anos 20 até a atualidade.

Ref. 21 — 260 pp.
Cr$ 198,00

Combates e batalhas — O depoimento pessoal de um ex-dirigente do PCB, sobre a vida operária brasileira, do começo do século aos anos 30.

Ref. 22 — 408 pp.
Cr$ 246,00

A expressão amazonense — A realidade cultural da Amazônia desmistificada, através de uma visão crítica e penetrante, do colonialismo a nossos dias.

Ref. 23 — 218 pp.
Cr$ 162,00

Sete ensaios de interpretação da realidade peruana — A primeira manifestação verdadeiramente significativa da sociologia crítica e militante na América Latina.

Ref. 24 — 257 pp.
Cr$ 186,00

Textos — Volume 1 — **Ref. 25** — 254 pp. Cr$ 150,00 — Volume 2 — **Ref. 26** — 214 pp. Cr$ 150,00 — Volume 3 — **Ref. 27** — 381 pp. Cr$ 198,00

LANÇAMENTOS

O problema do sindicato único no Brasil — Uma obra em defesa da autonomia sindical no Brasil.

Ref. 28 — 403 pp.
Cr$ 282,00

Vida de um revolucionário — Autobiografia de um revolucionário de 30, chefe da insurreição de 1935 e ex-militante do PCB.

Ref. 29 — 416 pp.
Cr$ 252,00

O caso eu conto como o caso foi — Da coluna Prestes à queda de Arraes — As memórias políticas de um ex-deputado comunista pernambucano. 2ª edição.

Ref. 30 — 409 pp.
Cr$ 214,00

Tempo de ameaça — Romance de ficção política que focaliza a autobiografia de um exilado político brasileiro.

Ref. 31 — 112 pp.
Cr$ 90,00

Cuba hoje — Uma nova reportagem sobre Cuba e os 20 anos de sua revolução, desvendando pormenores ignorados do cotidiano da ilha de Fidel. Ilustrado com 39 fotos.

Ref. 32 — 177 pp.
Cr$ 162,00

Os exilados — Reportagem sobre as vicissitudes sofridas pelos 5 mil brasileiros no exílio, à espera da anistia política.

Ref. 33 — 129 pp.
Cr$ 110,00

Ensaio geral — Depois de Em câmara lenta, este livro retoma o problema da guerrilha urbana no Brasil. O que aconteceu com os que ficaram "de fora"?

Ref. 34 — 144 pp.
Cr$ 115,00

EDITORA ALFA-OMEGA LTDA.
05413 — Rua Lisboa, 502 — Tel.: 853-4489 — São Paulo — Capital

NOME _____
ENDEREÇO _____
CEP _____ CIDADE _____ ESTADO _____
DATA _____ ASSINATURA _____

Solicito o envio pelo Reembolso Postal dos livros de sua publicação cujas referências vão abaixo assinaladas.

								01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13														
14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34														

Se o meu pedido for superior a Cr$ 1.000,00 enviem-me, livre de quaisquer despesas e inteiramente grátis o livro de referência ☐

NB — PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31 DE AGOSTO

SM — Merchandising & Promoções

Nas bancas, a verdade que a imprensa escondeu.

Já está nas bancas **História Imediata**, o livro-reportagem mensal da Alfa-Omega que traz, em todos os detalhes, a verdade sobre os fatos que a grande imprensa ocultou dos brasileiros, por causa da censura e do poder econômico.

História Imediata é jornalismo independente, livre de pressões econômicas e, por isso, analisa a fundo a História recente do Brasil e dá a palavra aos repórteres que têm um compromisso com a democracia e a liberdade de imprensa.

UM LANÇAMENTO

EDITORA ALFA-OMEGA

Procure História Imediata **nas bancas de jornais de todo o Brasil. Ou faça seu pedido pelo Reembolso Postal**
EDITORA ALFA-OMEGA
05413 - Rua Lisboa, 502
São Paulo - Capital
Tel. - 280-9972.